



Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores.

Departamento de Educação

Paola Dias dos Santos

Infância, mídia e consumo: Problematizando a influência da mídia na infância

São Gonçalo

2014

Paola Dias dos Santos

Infância, mídia e consumo: Problematizando a influência da mídia na infância.

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação em Pedagogia: Licenciatura Plena, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Goudard Tavares

São Gonçalo

2014

S237 Santos, Paola Dias dos
Infância, mídia e consumo: problematizando a
Influência da mídia na infância / Paola Dias dos
Santos, 2013.
68 f.

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagoga, a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Professora Dr^a Maria Tereza
Goudard Tavares.

1.Comunicação de massa na educação. 2.
Crianças.

659.3-053.2

Paola Dias dos Santos

Infância, mídia e consumo: Problematizando a influência da mídia na infância

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação em Pedagogia: Licenciatura Plena, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em _____

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Goudard Tavares (orientadora)

Departamento de Educação da FFP/UERJ

Prof^a. Dr^a. Gláucia Campos Guimarães

Departamento de Educação da FFP/UERJ

São Gonçalo

2014

Dedicatória

À meu Deus, que me permitiu chegar onde cheguei e tem me sustentado a cada dia

À minha família, que está sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, autor e consumidor da minha fé, que tem me sustentado e me permitiu chegar até aqui. Glória seja dada a Ele!

Agradeço a minha família, meu porto seguro por acreditarem em mim, me incentivado, chorado minhas lágrimas, pelas orações e todo amor. Essa vitória também é de vocês!

Agradeço, em especial, a minha mãe e melhor amiga, sem você eu não estaria aqui, muito obrigada por tudo, não há palavras que expressem essa gratidão. Te amo!

Agradeço a meus primos, Ivan Dias e Ione Dias, por todo auxílio, todo apoio, orações, mesmo a distância.

Agradeço a meu namorado e sua família, por todo apoio.

Agradeço, em especial, a Professora Maria Tereza, por todo apoio, dedicação, paciência e investimento, que Deus a recompense mais e mais. Não há palavras que possam expressar toda gratidão, somente Deus é capaz recompensá-la por tudo.

Agradeço a todas as colegas do Grupo de Pesquisa e aos professores da faculdade de Formação de Professores que contribuíram para esta conquista.

Agradeço ao Centro Educacional Aldeia da Prata, que muito carinhosamente me acolheu e tem apoiado meu trabalho. Muito obrigada por tudo!

Agradeço a minhas amigas de caminhada, Sandra Regina, Irlla Mary, por toda a força. Meninas, conseguimos!

E agora, que a glória seja dada a Deus, o qual, por meio do seu poder que age em nós, pode fazer muito mais do que nós pedimos ou até pensamos!

Efésios 3. 20

Resumo

Em minha trajetória inicial de *professora-pesquisadora*, e como estudante do Curso de Pedagogia, e bolsista de Iniciação Científica junto a projetos que se realizam desde 2011, venho percebendo que as práticas vinculadas a uma *cultura do consumo* ocorrem desde a *infância*, no qual as crianças *parecem ser* envolvidas precocemente pela sedução de uma publicidade orientada por uma sociedade consumista, fruto do modelo capitalista vigente. Este trabalho monográfico se inspira no contato com as crianças de 4 e 5 anos da escola pesquisada, na qual percebi que as mesmas tem sido afetadas pelas propagandas televisivas através dos artifícios utilizados, tais como as músicas, ou jingles e animações que tem o papel de nos influenciar, objetivando fixar a marca do produto na memória das pessoas, buscando seduzir as crianças com o propósito de tornar os produtos anunciados indispensáveis às suas vidas, hibridizando a fantasia com a realidade. A pesquisa realizada foi do tipo exploratória, da tipologia qualitativa, tendo como procedimento metodológico principal, a observação participante e a *escuta sensível* (BARBIER, 2007) dos diferentes sujeitos escolares. No caso das crianças da escola pesquisada, que já nascem inseridas na cultura do consumo, e continuam sendo alvo da publicidade ao longo da vida, a propaganda televisiva parece influenciar o pequeno consumidor, muitas vezes contribuindo para um consumismo totalmente descartável, acrítico e despolitizado. A exploração da criança pela mídia e pelo mercado publicitário também nos parece favorecer a erotização precoce, a obesidade infantil, o individualismo, o desgaste das relações familiares e a inversão de valores intergeracionais. Observei no contato cotidiano no Centro Educacional Aldeia da Prata, crianças que conhecem todas as marcas relacionadas ao vestuário, aparelhos eletrônicos, alimentos industrializados e até produtos de beleza. Com esta influência incessante da TV, submetidas por horas a fio diante do televisor, sem a presença de um adulto para dialogar, a infância contemporânea parece acreditar que é preciso *ter para ser* expostas aos valores transmitidos pela mídia. Em nossa monografia destacamos o papel da escola da infância como um dispositivo educativo favorável a uma crítica a cultura de consumo.

Palavras-chave: Infância; Consumo; Mídia Televisiva e Escola da Infância.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capitulo I- Memorial de como estou me tornando professora da infâncias.....	13
Capitulo II- Uma breve contextualização sobre a infância: Apresentando as questões de investigação.....	22
Capitulo III- Mídia, cultura do Consumo e Escola das Infâncias.....	34
3.1- Uma Escola das Infâncias em Itaboraí.....	36
3.2- O que nos dizem os sujeitos sobre o consumo?.....	37
3.3- As crianças e o Consumo.....	45
3.4- A influencia da mídia televisiva nos processos formativos das crianças..	47
Capitulo IV- Considerações finais, ainda que provisórias.....	52
Referencias Bibliográficas.....	57
Anexos.....	58

Introdução

A motivação por investigar a influencia da mídia na infância surgiu com algumas experiências vividas em algumas visitas as escolas das infâncias em São Gonçalo e algumas outras observadas no bairro onde moro no Município de Itaboraí.

Observando as crianças de 4 e 5 anos, foi possível perceber uma forte influencia midiática em suas brincadeiras, roupas e alimentos. Em uma visita a UMEI Arca de Noé, em 2011, quando a prefeitura de São Gonçalo havia enviado alguns tênis, na cor cinza e preto, com o nome “Prefeitura de São Gonçalo” escrito, e passando alguns dias foi possível perceber que houve uma rejeição por parte de algumas crianças que usaram por uma semana, e logo depois já tinham deixado de usar e voltado para seus tênis de personagens animados.

Outra situação vivida, por exemplo, foi o dia em que um aluno levou o carrinho do Batman para a escola e, todos, sem exceção queriam “ser” o Batman.

Mais uma experiência, que me levou a pesquisar este tema, foi um dia em que ao ir à padaria no condomínio onde moro, deparei-me com uma cena engraçada, mas que nos leva a refletir como o consumo está crescendo. A filha da atendente estava com uma folha de papel, vendo televisão enquanto a mãe atendia aos clientes. Ela estava anotando todos os brinquedos que ela queria e estava anunciando na Televisão (esta menina estava entre os 4-5 anos).

A sociedade contemporânea tem passado por transformações continuas. Em todos os campos da vida societária, inúmeras são as mudanças e transformações. No campo da cultura temos assistido as muitas modificações, especialmente, naquilo que denominamos “cultura de consumo”. O que era antes, digamos, no passado, desnecessário, em nossos dias não pode faltar na vida da maioria das pessoas. E principalmente, na vida das crianças. A indústria tem investido nas, pois, percebe maior facilidade em convencê-las de que é importante ter seu produto, ou seja, usa a criança para atingir o adulto.

São crianças que conhecem todas as marcas relacionadas a vestuário, aparelhos eletrônicos, alimentos industrializadas e até produtos de beleza. As regras de convívio social têm sido estabelecidas pelo consumo. O que tem se valorizado é o “ter” e não o “ser”. “Ao possuir determinados objetos se agrega prestígio e

reconhecimento entre as pessoas” (Solange Jobim). “Ter objetos significa ser admirado (a), respeitado (a), e invejado (a) pelos outros” (idem). O consumo produz nas crianças e, conseqüentemente, no ambiente escolar a competição, a seletividade, padronização (se eu tiver, me torno como o outro), a marca de vencedor.

O consumo gera, em muitas ocasiões, pais frustrados por não poder oferecer aos filhos o que não tiveram na infância, filhos chateados com os pais porque não receberam o que queriam e não compreendem que os pais analisam aquele pedido desnecessário ou não tem condições no momento. Afeta as relações familiares.

O documentário, *Criança, a alma do negócio* retrata a realidade de algumas famílias, com diferentes níveis sociais e realidades e somente uma coisa em comum, o consumo. Em entrevista, presente no documentário, um menino, de nível social aparentemente alto, mostra um armário em sua casa “transbordando” de brinquedos de vários tipos. E seu brinquedo favorito era um boneco com menos de 5 cm. Qual seria a necessidade de possuir tantos objetos? Será que estão querendo preencher algo? Quem podemos culpar por isso? Os pais, por trabalharem o dia todo e preenchem os filhos com objetos para que não sofram tanto com sua ausência? A televisão, companheira diária destes filhos que ficam a maior parte do dia sozinhos em casa? Será que não precisamos questionar o que nos é apresentado nas publicidades e construir com as crianças um olhar crítico daquilo que estão, subliminarmente, nos manipulando a comprar? São questões deste tipo que devemos fazer todos os dias.

É preciso que se questione o modo como estamos nos relacionando com os meios de comunicação. Temos de refletir até que ponto a infância tem sido influenciada. É necessário um diálogo com a criança para que se construa uma leitura crítica do que está sendo direcionado a ela. Um dos desafios da educação é formar alunos com consciência crítica, que questionem o mundo onde vivem.

A presente monografia tem por objetivo investigar a influencia da mídia televisiva na infância, o que tem resultado no consumo exacerbado e despolitizado que tem afetado a constituição da infância, que para muitos tem desaparecido, mas que está presente em nosso cotidiano, pois ainda existem

crianças, e muitas, mas que tem realidades diferentes, realidades essas que podem proporcionar-las a chance de vivenciar esta infância de forma positiva ou não.

No Primeiro Capítulo, apresento o meu memorial de formação e trago o relato de como estou me tornando uma professora das infâncias, desde o Ensino Médio até os dias atuais.

No segundo Capítulo, trago um diálogo com dois escritores fundamentais da infância, o Historiador Phillippe Ariès que apresenta a história da criança e como ela era vista nos séculos passados e Postman (1999) que nos apresenta o desaparecimento da Infância e juntamente com estes dois apresento a sociologia da Infância que nos apresenta a criança contemporânea.

No terceiro Capítulo, relato o trabalho de campo feito na escola em que estagio desde agosto de 2013, localizada em Itaboraí. Onde apresento as construções feitas em uma pesquisa sobre crianças feitas com as crianças.

Capítulo 1

Memorial de como estou me tornando professora da Infância(s)

‘É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.’ (Jorge Larrosa apud Prado; Soligo, 2005)

Escolho iniciar este percurso de meu memorial de formação com a fala de Jorge Larrosa (2000), na compreensão de que este autor nos desafia a pensar sobre nossos processos formativos, quando afirma principalmente, o papel potente da experiência em nosso percurso de vida, estudo e profissão.

A citação acima apresenta um pouco do que vivencio como estudante de pedagogia. Tenho passado por experiências que marcam e transformam até o momento em que escrevo este memorial, muitas vezes sem sentido para os que comigo caminham, mas com muito sentido vivencial para mim. E apresentar o inventário de um percurso pessoal e acadêmico, implica em buscar em minhas memórias, pistas e indícios de minhas escolhas e caminhos formativos enquanto estudante de Pedagogia e pesquisadora das infâncias.

Em minha trajetória de vida, especialmente na adolescência, sonhei com muitas profissões. Por gostar muito de cachorros, sonhei em ser veterinária, sonhei em ser estilista de moda e desenhar vestidos de casamento, sonhei em ser psicóloga, mas a ideia de ser professora não me passava pela cabeça, porém, aos olhos de meus pais, sim. Eles viam uma professora em mim, e eu dizia que não queria ser professora, não me via nessa profissão. Com o passar dos anos, chegou momento de ir para o Ensino médio e que tinha que decidir em quais escolas gostaria de estudar. Mesmo com os conselhos de minha mãe, e suas dicas sobre meu jeito de professora, por gostar muito de crianças e trabalhar com elas na

Primeira Igreja Batista em Parque União em Bonsucesso no Rio de Janeiro, continuei firme com a ideia de que não queria ser professora.

Em 2007, terminei o Ensino Médio e fiz a Prova do Enem, mas não tive uma boa pontuação e não consegui ingressar em nenhuma faculdade. E, com todo o apoio da minha família, me matriculei no curso de Serviço Social na Universidade Plínio Leite. Cursei somente um mês, pois percebi que não era o que eu queria de fato. E no mesmo ano, fiz a prova do Enem novamente e com uma boa pontuação consegui uma bolsa nas Faculdades Integradas Maria Thereza, iniciando em 2009 o curso de Pedagogia. E a cada semestre cursado fui percebendo que era isso que eu queria ser profissionalmente: Professora. E que minha mãe, como na maioria das vezes, tinha razão.

Em 2010, fui trabalhar como Monitora no Núcleo Educacional Professora Clélia Rocha, também conhecido como Remanso Fraternal localizado em Várzea das Moças, Niterói, e lá aprendi muito com as crianças e com todo o processo pedagógico desenvolvido nesta escola.

Neste mesmo ano, um amigo da família, que na época estava cursando História na UERJ- Maracanã me contou sobre uma prova de transferência externa que havia na UERJ e então fui procurar saber como era esse processo. Foi quando, tive o conhecimento de que havia uma unidade da UERJ em São Gonçalo, pois como moro em Itaboraí, essa universidade é mais próxima, do ponto de vista do acesso, do deslocamento de Itaboraí até o Patronato, bairro de localização da Faculdade de Formação de Professores. Com muita dificuldade, reunia a documentação necessária. E no último dia, me inscrevi para a prova de transferência externa. Estudei a bibliografia indicada e fui fazer a prova. Com muita ansiedade, esperei o dia em que deveria ir a UERJ- Maracanã para saber se havia sido aprovada ou não. E ao chegar lá, vi o quadro com os nomes dos candidatos aprovados, não acreditando ao ver o que ao lado do meu nome estava escrito DEFERIDO.

Que felicidade, a primeira pessoa da minha família a cursar uma Universidade Pública. Ter sido aprovada tem um significado magnífico para mim, pois sou a primeira em minha família a ingressar em uma Universidade Pública. O que proporciona um orgulho para minha família.

Então, me inscrevi nas disciplinas e em fevereiro de 2011 iniciei minha caminhada como estudante da Faculdade de Formação de Professores. Neste mesmo ano, uma colega de turma me contou sobre um grupo de pesquisa da Professora Doutora Maria Tereza Goudard Tavares, que eu não conhecia, mas fiquei interessada e então, no período de 25/08/2011 a 31/10/2011 atuei como voluntária do projeto de pesquisa participando das reuniões semanais.

Neste movimento, de ir aprofundando os meus interesses e reflexões sobre questões vinculadas à infância, fui me desafiando a compreender melhor a escola de Educação Infantil, as crianças e seus processos de construção de conhecimento.

Me tornei assim, integrante de um grupo de pesquisa e desde 01/11/2011 atuo como bolsista PIBIC no projeto de pesquisa: *Por que o local? Um estudo sobre a alfabetização patrimonial e a formação de professores de educação infantil em São Gonçalo*. Com as reuniões realizadas conjuntamente pela professora orientadora e colegas do curso de Pedagogia, e do Mestrado em Educação da FFP, que são orientandas da Professora Maria Tereza.

Estes encontros de pesquisa, leituras e aprofundamento teórico-metodológico, vem proporcionando a troca de experiências entre os participantes do grupo, o que tem me levando a uma maior compreensão da ambiência acadêmica da pesquisa, bem como, a produção de dispositivos e ferramentas conceituais, além de uma atitude investigativa mais favorável ao trabalho de produção do conhecimento. Nas reuniões são realizados fichamentos de textos trabalhados, além da apresentação e discussão dos mesmos nas reuniões de grupo, gerando adensamento de conceitos importantes no escopo da pesquisa, tais como: infâncias, prática docente, a cidade como um contexto alfabetizador, o Consumo infantil, e a cidadania da infância.

Nas reuniões de pesquisa, tratamos, por exemplo, “A infância como construção social” em que cada sociedade estabelece seu conceito de infância, podendo modificar-se com o passar do tempo, conforme cultura, classe social, surgimento de inovações. “Cada infância é construída socialmente conforme o modo de vida da sociedade (Pinto, 1997). Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo

adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades, outros realçam aquilo que ela carece (Pinto, 1997).”

Pensamos a questão “Professora-Pesquisadora: Uma práxis em construção” abordando a importância da professora realizar, avaliar e replanejar sua prática cotidiana. Vimos que o professor–pesquisador é comprometido, não se satisfaz com as possíveis “desculpas” dadas para esclarecer o fracasso do aluno e começa a buscar entender como seus alunos aprendem ou não aprendem (Garcia e Alves). E juntamente com a pesquisa da prática caminha o registro que proporciona a autoavaliação, a ajuda a si mesmo, a observação e a reflexão coletiva (PICANÇO, 1997).

Com o texto “Por uma alfabetização cidadã: Por que ler e escrever a cidade de São Gonçalo com sujeitos escolares?” nos foi possível pensar nos vários contextos da história humana. A cidade como lugar simbólico onde as histórias são produzidas, com cenários de traumas humanos. Refletimos que aprender a ler e escrever é antes de mais nada aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da noção linguagem/realidade (TAVARES, 2003).

Refletimos ainda, a questão “Quando as crianças dizem: Agora chega!”, procurando conhecer melhor o campo das pesquisas com crianças, onde abordamos o fato de conceder a palavra a criança, trabalhando a escuta sensível, permitindo que ela se expresse. “É preciso dar às crianças condições adequadas, sem pressa, sem controles, sem preocupações, para que possa errar, dizer bobagens, fazer ironias, exatamente como fazemos nós, os adultos. Com a possibilidade de escolher o meio mais adequado: a palavra, o desenho, o texto escrito, o projeto, etc.” (TONUCCI, 2005). Essa criança presente na sala de aula, ainda que pequena, tem alguma vivência e traz consigo algo significativo. Em que alguns momentos pareça irrelevante, mas tem um valor para ela e com isso o professor pode refletir sua prática. Com esse grito: *Agora Chega!* Pode ser expresso de várias formas, que não só falando. “Com frequência, a criança obedece, garantido dessa forma, para si, a aprovação dos adultos. Porém quase sempre essas atitudes ocultam um “agora chega!” reprimido, não-expresso, inexprimível,

que fascina a criança e lhe dá medo. Sabe que gostaria de dizê-lo, mas não pode.” (TONUCCI, 2005)

Estudamos também, a questão “Da invisibilidade à ação: Crianças e jovens na construção da cultura.” Abordando o conceito de ação, que define a diferença e a singularidade entre homem e mulher, entre a criança, o jovem e o adulto.. “Assim, a apropriação que a criança faz na e da cidade, modelizada pelos processos do capitalismo de consumo, de globalização, midiaticização e informatização, revela uma sutil e complexa re-significação e re-invenção dos processos de aprender, que já não mais acontecem apenas em casa, na escola, ou em frente à televisão. A experiência da e na cidade por parte da criança e do jovem constitui um dos aspectos primordiais na constituição do sujeito no contemporâneo, enquanto experiência que possibilita diferentes formas de convivência e alterização.” (CASTRO, 2001) Em que tanto o adulto quanto a criança contribuem na produção e reprodução de cultura no lugar onde vive.

A partir de algumas questões para aprofundamento conceitual, me dediquei à leitura do texto “Crianças e adultos: marcas de uma relação”, de Altino José Martins Filho, no qual refletimos sobre a cultura de pares dentro da creche, a infância como categoria social, geracional e cultural, os exercícios de poder mesmo entre as crianças, a concepção de socialização em que o adulto é responsável por desenvolver o “ser social” da criança, o aprender com as crianças, os dois sujeitos (adulto e criança) no centro do processo educacional.

A entrada no campo foi muito importante, pois proporcionou, a cada dia, uma construção constante de conhecimento e tenho a oportunidade de colocar em prática o que tenho aprendido através do processo teórico-metodológico, onde podemos dialogar com as crianças, conscientes de que podemos obter respostas diferentes das que esperávamos, mas ainda assim as obtemos. Tenho a oportunidade de exercitar o olhar e a escuta sensível dos sujeitos infantis, que são qualidades importantes para o trabalho como educadora da infância, sobretudo no currículo mais transversal do curso de Pedagogia.

A escola de realização da pesquisa foi a UMEI Arca de Noé, no período de novembro de 2011 a setembro de 2012. Localizada em São Gonçalo, a UMEI é uma escola bem pequena, composta por três turmas, duas salas de aula, uma cozinha, sala da diretoria, dois pátios o da frente com brinquedos e o de trás que

serve de refeitório e outra sala de aula (As professoras faziam rodízio de salas) e as crianças também brincam neste pátio, não há livros para as crianças. Percebo ali a grande dedicação das professoras em fazer seu trabalho da melhor forma possível.

Nesta escola pequena, as professoras não possuem espaço suficiente no quadro para utilizarem, pois as salas são bem pequenas e tomadas por armários e material para as crianças. Um dia em minha visitação, pude perceber que uma das professoras que ficou no pátio com sua turma fez uma amarelinha no chão. E tive a oportunidade de ver ali na prática o que discutimos nas reuniões de pesquisa sobre a prática do professor.

Através da experiência com o estágio obrigatório, conhecemos a UMEI Menino Jesus que nos apresenta um campo maior e um pouco mais diversificado que nosso atual campo. A instituição de ensino Escola Municipalizada Jardim de Infância Menino Jesus, localizada no centro do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Fundada pela Igreja Matriz de São Gonçalo há 52 anos, o prédio onde a escola funciona até hoje pertence a esta Igreja, mais tarde ao Estado, atualmente, há exatamente três anos é administrada pelo município de São Gonçalo.

A escola trabalha com a concepção pedagógica construtivista, fundamentada na psicologia sóciohistórica, especialmente em Vygotsky. Do ponto de vista das políticas de inclusão de crianças com necessidades especiais, onde o Governo Federal, através de convênio com o Município, programou e implementou a sala de recursos. Esta sala vem atendendo somente a Educação Infantil, tendo em média 175 alunos, com cinco turmas separadas por cores, com uma média de 15 alunos e com até três crianças especiais por turma. As cores são: Maternal: verde, Pré I: laranja e amarela, Pré II: rosa e azul, funcionando nos turnos da manhã e da tarde. A escola Menino Jesus atende somente alunos do município de São Gonçalo. As turmas são limitadas entre 20 crianças. Do ponto de vista de sua equipe pedagógica o quadro de professores está completo, e a coordenadora da escola Verônica, é professora da rede estadual, permanecendo cedida pelo mesmo há doze anos na escola.

Atualmente estão matriculadas há 160 crianças, com a municipalização houve uma nova divulgação e as famílias retornaram a matricular suas crianças e uma nova confiança na educação e formação que a escola oferece.

Desta experiência extraio alguns acontecimentos que nos fazem aprender mais com as crianças. No período de estágio, muitos acontecimentos chamaram bastante atenção.

Ao observar o brincar das crianças nestas duas escolas das infâncias, pude observar a influência da mídia televisiva em suas brincadeiras, roupas, brinquedos e até na fala e isto me chamou atenção para um fato: O consumismo infantil. Foi possível perceber que aquelas crianças passavam muito tempo em frente a televisão expostas a todo tipo de programação e expostas aos apelos da mídia televisiva.

Percebi crianças que tem a necessidade de consumir muito intensa, o que gerava a competição, a necessidade de se sentir como o outro, ou seja, a padronização, a superioridade, a seletividade. São crianças que conhecem todas as marcas relacionadas a vestuário, aparelhos eletrônicos, alimentos industrializados e até produtos de beleza. Algumas regras de convívio social têm sido estabelecidas por este consumo. E a propaganda, não só televisiva, tem pregado que se não possuir o que é oferecido não se é nada. O consumo traz a inversão de valores, o ser humano vale o que possui. O que tem se valorizado é o “ter” e não o “ser” (SOUZA, 1996). “Ao possuir determinados objetos se agrega prestígio e reconhecimento entre as pessoas” (Idem).

E com este fato, busco com a pesquisa entender este ser humano em formação e refletir um pouco o processo de constituição deste pequeno cidadão, compreendendo a importância da escola da Infância na formação da criança, bem como a importância de ambientes generosos, nos quais adultos e crianças possam vivenciar encontros intergeracionais fraternos e reflexivos.

No contato com as crianças de 4 e 5 anos da escola pesquisada, venho percebendo que as mesmas tem sido afetadas pelas propagandas através dos artifícios utilizados, tais como as músicas, ou jingles e animações. A música facilita a memorização, fixando melhor a ideia do produto. Os jingles, em sua maioria, fazem o papel de nos influenciar, sendo seu objetivo o de fixar a marca do produto na memória das pessoas, seduzem com a criação da ideia de tornar os produtos indispensáveis à nossa vida, misturando a fantasia com a realidade.

Toda propaganda deseja atrair seu público, permanecendo por mais tempo na memória e assim influenciando na compra de um produto. No caso das

crianças, que já nascem inseridas na cultura do consumo, e continuam sendo alvo da publicidade ao longo da vida, a propaganda televisiva parece influenciar o pequeno consumidor, muitas vezes contribuindo para um consumismo despolitizado.

Em nossa pesquisa, nos parece que o consumismo infantil ocorre principalmente, porque muitas crianças ficam muitas horas em casa apenas na companhia da televisão ou do computador, e aparentemente é uma infância cada vez mais trancada dentro de casa em frente a televisão ou o computador, ficando assim expostas aos apelos dos anunciantes vorazes. A exploração da criança pela mídia e pelo mercado publicitário me parece favorecer a erotização precoce, a delinquência, a obesidade infantil, o materialismo, desgaste das relações familiares e a inversão de valores.

O consumo despolitizado, muitas vezes, é inconsciente, estimulando os pequenos a um consumo exacerbado. Nas leituras feitas e observações realizadas nas escolas – campo empírico da pesquisa- podemos perceber que as crianças já nascem inseridas nesta cultura, cercada de marcas famosas e vai crescendo em uma sociedade que cada vez mais exige o *possuir* e esquece a constituição do *ser* e me leva a refletir: Que adulto está sendo formado?

Onde ficam os valores ou os valores de um *consumo consciente*? E nos remete a uma reflexão que consideramos fundamental: muitos pais tem a intenção de dar a seus filhos aquilo que não tiveram em sua infância e acabam dando tudo o que seus filhos pedem ou incentivam este consumo, possibilitando que as crianças se tornem precocemente “consumidoras contumaz”.

No diálogo com as crianças foi possível compreender que os pais também estão inseridos nesta cultura do consumo e muitas vezes incentivam. Em conversa com uma das crianças entrevistadas, pergunto se eles pedem todos os brinquedos e a resposta foi: *“Eles dão por que eles querem, eu não preciso pedir tia.”* Sabemos que é importante que as famílias possam oferecer aos filhos uma vida melhor, mais digna e feliz, que seja pautada, porém, em valores de realização pessoal e coletiva. Entendemos ser legítimo o desejo dos pais das camadas populares da ascensão social de seus filhos, o que não implica em uma defesa do consumismo como padrão de vida e de distinção social.

Em julho de 2013, recebi o convite para fazer um estágio em uma escola no bairro onde moro, e por motivos pessoais, aceitei. E então, desde agosto de 2013, estou observando, dialogando e construindo e terminando ,provisoriamente, com as crianças este trabalho monográfico.

Assim, a presente monografia que foi construída durante o meu percurso formativo no curso de Pedagogia. Tem como objetivo investigar a influência da publicidade e propaganda televisiva na infância resultando em um consumo despolitizado.

Capítulo 2

Uma breve contextualização sobre a Infância: Apresentando as questões de investigação

Em linhas gerais, a infância é pensada e definida por muitos como um período no qual a criança vive para ser criança, onde o brincar parece ser a sua principal preocupação, sem outros compromissos e obrigações. Porém, esta não é a única definição de infância, nem o contexto da maioria das crianças do Brasil e do mundo. Com o objetivo de contextualizar a infância que é campo e sujeito de minha pesquisa, entendo ser necessário apresentar um breve panorama da infância enquanto constructo social e histórico, demarcando que do ponto de vista das concepções que fundamentam o meu trabalho, a infância é uma construção social, atravessada por inúmeras questões que se atualizam e se transformam ao longo de diferentes contextos histórico e social.

“Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo que ela carece. (PINTO, 1997, p. 33-34)

Compreendendo historicamente a criança, é possível perceber que entre os séculos XIII e XVIII a idéia de infância como categoria social passou a ser lentamente conhecida na Europa. Segundo o historiador Phillippe Ariès a criança era representada como um anjo e o Menino Jesus na iconografia Medieval e passou a ser representada também nos retratos de família, apresentando estes sujeitos que passaram a tomar posse de seu lugar no seio familiar. Nos séculos XV e XVII junto com retratos de crianças vivas é que surge o interesse pela criança.

E juntamente com este sentimento de infância, o sentimento de família ficou indefinido até o século XVIII. A criança era “criada” na rua, não havia nenhum tratamento diferenciado. Sabemos pela pesquisa histórica, que em séculos passados não havia um sentimento *natural* da infância, a criança não era negligenciada, mas, o olhar de ser dependente deixava de existir a partir do momento em que a criança fazia algum uso da razão e não dependia de sua mãe ou

da ama de leite, e que gradativamente era inserida na sociedade adulta. (ARIÈS, 1981 apud PINTO, 1997, p. 35). Na idade média, as crianças são representadas como adultos em miniatura e muito antes da escolarização, crianças e adultos, dividiam os mesmos ambientes e ocasiões, pois trabalhavam, comiam, iam as mesmas festas e dormiam nos mesmos lugares. A infância era negligenciada, as crianças recebiam os mesmos tratamentos que os adultos, não existindo um sentimento de respeito e nem se pensava na valorização da inocência das crianças, elas viam, ouviam e vivenciavam tudo que hoje, no século XXI, procuramos manter distante delas, com a intenção de conservar a inocência.

Ainda no século XVIII, a família começa a se estabelecer longe da rua e a criança passa a ser observada de outra maneira. Segundo Pinto (1997, p 37), a idéia de infância é necessariamente correlativa da idéia de família. A criança tinha importância dentro de sua família, sendo vista como um ser frágil que passava a ser comparado à inocência, porque refletia a sua pureza divina. Com tudo isto a educação passa a ser obrigação, e crescem o número de escolas e colégios.

“A partir de então, a proteção e a formação da criança, reconhecidas como necessárias, vão passar a recorrer a instituições específicas, escalonadas por níveis etários e vão passar a recorrer a dois ingredientes contraditórios: a ternura e a severidade.” (PINTO, 1997, p. 36)

E tudo isto na busca de preservar a criança, isolando neste período de formação intelectual e moral, separando-as assim da sociedade dos adultos. Mas a separação de classes, só favorecia a elite que recebia uma boa educação, enquanto a criança pobre restava o trabalho e a vida produtiva no meio de adultos.

“A separação entre adultos e crianças, que a filosofia das luzes vai consagrar, traduz-se, nomeadamente para os filhos das classes ricas, na frequência da escola em regime de internato. Relativamente às classes pobres, o trabalho desde tenra idade iria continuar a ser uma realidade ainda por muito tempo.” (PINTO 1997, p.36-37)

Neste sentido, ao largo das discussões teóricas e metodológicas sobre a infância no Brasil, no *mundo escolar*, espaço privilegiado de nossas investigações, para muitos profissionais que atuam no seu cotidiano, a infância concreta, que (es)corre e brinca nos diferentes lugares da escola, a cada momento nos desafia a conhecê-la e a pensá-la sobre outras óticas que não sejam a partir da identificação

com a infância de seus pais e avôs. Podemos perceber a cada dia que a infância tem se modificado, e muitas vezes, parece ter deixando de existir, conforme uma certa idealização de um passado infantil meio romantizado pelos meios de comunicação e por alguns adultos. Em nosso contato com crianças na pesquisa, percebemos que a mesma conhece muitos assuntos que muitas vezes os adultos desconhecem. Não se pode mais afirmar que uma criança é um ser super frágil, desprotegida e tão inocente. É possível perceber crianças interlocutoras, informadas, conectadas que não abrem mão de sua voz e afirmação de pensamento.

Por muito tempo a infância foi entendida como um simples período da vida humana, que iria do nascimento à adolescência, definido etariamente entre o período de zero (0) aos doze (12) anos de idade. Este momento é entendido como sendo o período onde a criança começa a conhecer o mundo a partir do olhar, do tocar, do sentir e do agir, dão uso preferencial de seus sentidos, especialmente mediado pelos adultos. Na infância, em geral a partir de uma concepção de mundo adultocêntrica, a criança está em processo de formação para se tornar um adulto, mas é (aparentemente) livre para ser de fato uma criança onde é permitido brincar, aprontar, se divertir, sendo um período onde uma pretensa ingenuidade do ser humano seria a essência da sua formação.

Em nossa sociedade, especialmente nos padrões ideológicos das classes médias da sociedade, a infância é um período da vida, onde a criança tem que ser criança, onde é permitido e obrigatório brincar, onde a inocência infantil deveria estar presente, sendo um período da vida em que o ser humano deveria ser mais feliz. Como se a criança fosse um ser muito frágil, sendo especialmente um adulto em construção, sendo muito ingênuo, incompleto e imperfeito, necessitando de ser moralizado, precisando ser educado, visto que se encontrar totalmente disponível para os processos de ensinamento do mundo dos adultos. A criança, entendida antes como um ser sem fala, *in-fans* (o que não fala), hoje tem voz e vez. E tem sido objeto e campo de inúmeras pesquisas, constituindo seu lugar na sociedade e nas Ciências Sociais. Esses espaços estes, que ao mesmo tempo em que a excluíam como um sujeito dotado de direito e subjetividade, atualmente começam a compreender a criança como ator social, percebendo-a nos diferentes campos da

vida societária, principalmente pela vertiginosas transformações ocorridas na sociedade ocidental contemporânea.

Como sujeitos sociais, elas são capazes de produzir mudanças nos sistemas nos quais estão inseridas, ou seja, as forças políticas, sociais e econômicas influenciam suas vidas ao mesmo tempo em que as crianças influenciam o cenário social, político e cultural. Nesse sentido, a infância é formada por sujeitos ativos e componentes, com características diferentes dos adultos. As crianças pertencem a diferentes classes sociais, ao gênero masculino e feminino, a um espaço geográfico onde residem, à cultura de origem e a uma etnia, em outras palavras, são crianças concretas e contextualizadas, são membros da sociedade; atuam nas famílias, nas escolas, nas creches e em outros espaços, fazem parte do mundo, o incorporam e, ao mesmo tempo, o influenciam e criam significados a partir dele. (NASCIMENTO, 2011, p. 41)

Em nosso movimento de pesquisa, podemos perceber que a infância está muito diferente do que conhecíamos. Muitas crianças não brincam mais de brinquedos e jogos ‘tradicionais’, focando-se no uso da tecnologia e mal querem sair de casa, tornando-se sedentárias e muitas vezes obesas. Muitas perdem uma certa *ingenuidade infantil*, pois o contexto familiar também tem mudado, sendo que inúmeras violências-materiais e simbólicas tem sido direcionadas às crianças, atingindo-as profundamente. Até mesmo os programas televisivos, que mesmo com as classificações de idade para cada filme, novela, e programas, transmitem inúmeras vezes conteúdos inapropriados, que confundem a recepção e a sensibilidade infantil. Como os adultos, na grande maioria das vezes não convivem, ou convivem pouco com suas crianças, nem mesmo sabem o que elas vêem na televisão, pois não discutem, não conversam, parecendo não se interessar pelo mundo interior da criança. Observamos em nosso contato com as crianças, que elas já nascem hoje, com muitos conhecimentos no quesito tecnologia, tendo informações e o conhecimento de dispositivos tecnológicos que muitos adultos não possuem, o que poderia ser um dispositivo de interlocução e de diálogo entre crianças e adultos, acaba muitas vezes não sendo aproveitado na convivência familiar.

Em nossos diálogos no percurso da pesquisa, podemos perceber pelos diferentes discursos, que a sociedade tem acreditado que a infância está desaparecendo, pois não se é “criança como antigamente”, onde para a criança era reservado o direito de brincar e estudar, no qual a criança era autorizada a conhecer o mundo depois de sua adolescência. A infância era o tempo de “ser criança”. E ser criança, envolve muito mais do que o brincar e ir à escola, mas a toda uma prática

sócio-cultural voltada a esta ideologia. A sociedade contemporânea torna este ser infantil em um ator social que está construindo a sua própria história. Muitos tentam definir a criança, buscando compreendê-la. Como por exemplo, o cantor e compositor Toquinho em sua música, *É bom ser criança*, que de uma forma simples tenta traduzir em canção este ser múltiplo, a criança:

É bom ser criança/ Ter de todos atenção/ Da mamãe, carinho
Do papai, a proteção/ É tão bom se divertir/ E não ter que trabalhar
Só comer, crescer, dormir, brincar/ É bom ser criança/ Isso às vezes nos
convém/ Nós temos direitos/ Que gente grande não tem/ Só brincar, brincar,
brincar/ Sem pensar no boletim/ Bem que isso podia nunca mais ter fim/ É
bom ser criança/ E não ter que se preocupar/ Com a conta no banco
Nem com filhos pra criar/ É tão bom não ter que ter/ Prestações pra se
pagar/ Só comer, crescer, dormir, brincar/ É bom ser criança/ Ter amigos de
montão/ Fazer cross saltando/ Tirando as rodas do chão/ Soltar pipas lá no
céu/ Deslizar sobre patins/ Bem que isso podia nunca mais ter fim

A infância contemporânea se transforma a todo instante, vivendo diversos contextos, de acordo com as suas condições concretas de vida. São crianças com opinião, que são difíceis de “domar” e por numa fôrma. Elas já sabem o que querem, e lutam por isso. Não se há hoje uma simples infância, mas sim as múltiplas infâncias, na qual cada criança vive a sua infância de modo diferente, onde cada criança tem a sua vivência social e cultural.

O conceito de infância tem mudado e com ele a criança tem mudado. Já não dizemos mais infância, mas, infâncias, no plural, pois cada criança é uma criança. Cada criança tem uma concepção, uma vivência, uma experiência.

A infância ora é uma estrutura universal, constante e característica de todas as sociedades, ora ela é um conceito geracional, uma variável sociológica que se articula à diversidade da vida das crianças considerando a classe social, o gênero e o pertencimento étnico, ou seja, ora a infância é singular, ora é plural. (ABRAMOWICZ, 2011, p.18)

Mas uma questão parece não mudar, que é nossa concepção de que a infância é a etapa da vida mais importante de todo ser humano. É o momento de crescimento do ser humano. A infância ainda é valorizada pela inocência, pela sinceridade e pela felicidade, mesmo com todas as mudanças sociais e todas as transformações nos aparatos tecnológicos e comportamentais.

A infância é uma construção social, passando por diversas mudanças e diversos contextos, por isso se torna plural, pois há diversas formas de infâncias e não existindo um padrão universal, embora as mídias contemporâneas tentem vender um modelo único. E é vista também como uma parte da história de cada um, que se estende do nascimento até os dez anos de idade. Mas, podemos dizer, que infelizmente “a infância está sendo sucateada, de vários modos” (MARTINS, 1993, p.14), que está sendo constituída uma geração sem infância, que mesmo com um lar, uma família, na qual depositamos a esperança do cuidar e do criar de forma excelente seu filho, não tem percebido que seu filho não tem vivido sua infância. E que muitas das crianças em nossa sociedade contemporânea tem perdido a chance de ser criança, tendo sido convocada a ser um adulto precoce, pois tem que trabalhar para auxiliar financeiramente, ou auxiliando na criação dos irmãos, porque os pais saem para trabalhar e precisam que alguém cuide de sua prole.

Esta vem sendo a realidade de inúmeras crianças que vivem a sua infância no mundo contemporâneo, principalmente, a realidade das crianças que vivem a sua infância em contextos de exclusão social, como as crianças negras de periferias urbanas, as crianças indígenas e suas famílias excluídas de suas terras e exploradas no trabalho escravo, por exemplo.

Contraditoriamente, se depois dos séculos XVI e XVII podemos afirmar que historicamente a infância foi reconhecida, hoje podemos afirmar que teve início, aquilo que Postman (1990) denomina de seu processo de desaparecimento. Já vimos que anteriormente a criança crescia junto com o adulto, era um *adulto em miniatura*. Porém, as roupas infantis, após o reconhecimento da infância, diferenciaram, a linguagem mudou, e passado o tempo com o advento da burguesia, e as divisões de classes sociais, a infância foi reconhecida e valorizada, sendo que a família burguesa mudou a forma de criação de filhos, enfatizando a família nuclear, o patrimônio familiar, o sentimento de pertencimento a um grupamento familiar específico.

Segundo Postman (1990) a exigência social de que as crianças fossem educadas por longos períodos levou a uma reformulação do relacionamento dos pais com os filhos.

Ainda para Postman (idem) na cultura grega, a infância não tinha atenção e era desconsiderada pelos adultos. E no mundo medieval a criança era um ser

“invisível”. Assim, para que a concepção de infância fosse concretizada, seria preciso uma mudança, para que deixassem de conviver no mesmo ambiente informal, perdendo assim alguns hábitos.

Postman (1999, p.50) afirma ainda que “não havia necessidade da ideia de infância, porque todos compartilhavam o mesmo ambiente informal e, portanto, viviam no mesmo mundo social e intelectual.” A criança não era vista como um ser que precisava de cuidados diferentes dos adultos, então, não havia a necessidade de cuidados especiais.

Somente após os séculos XVI e XVII, a criança passa a ser reconhecida como “um objeto de respeito, uma criatura especial, de outra natureza e com outras necessidades, que precisa estar separada e protegida do mundo adulto.” (POSTMAN, 1999, p.51). Após essa separação passou a ser essencial que elas aprendessem a ler e a escrever, pois a cultura exigia pessoas letradas. Cada organização tinha um objetivo para a leitura,

“as classes mercantis, por exemplo, queriam que seus filhos conhecessem o á-bê-cê para que pudessem lidar com os papéis das transações comerciais. Os luteranos queriam pessoas que soubessem ler as Bíblias vernáculas e também as queixas contra a igreja. Alguns católicos viam nos livros um meio de instalar um sentimento de maior obediência às escrituras. Os puritanos queriam que a leitura fosse a arma principal contra “os três grandes males: a Ignorância, a Profanidade e o Ócio.” Alguns conseguiam o que pretendiam, outros muito mais. (POSTMAN, 1990. p. 52).

Para o autor, esta separação do mundo adulto se tornou essencial, pois era necessário que aprendesse a ler e a escrever para que, atendessem a exigência da nova ordem social. Por conta desta cultura letrada, a infância evoluiu rapidamente, e assim o conceito de infância se desenvolveu, passando a assumir um papel significativo na economia, religioso e intelectual.

Foi no século XVIII, destaca Postman (1999), que ao mesmo tempo em que crescia uma diferente forma de entender a infância, a industrialização trouxe a necessidade de mais trabalhadores, e como forma de mão de obra barata, as crianças começaram a trabalhar nas fábricas e nas minas.

Este autor afirma ainda, que a concepção de infância contemporânea é uma invenção da modernidade, e após a prensa tipográfica e a invenção do telégrafo e o crescimento da mídia eletrônica, surgiu mais uma transformação da infância. Segundo Postman, no século XIX existia o “adulto- criança”, que era diferenciado do adulto somente pelas suas roupas, um adulto em miniatura, e que no século XX, com o surgimento da televisão e de outros meios de comunicação, inicia-se o processo de desaparecimento da infância.

[...] televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público. Com a ajuda de outros meios eletrônicos não impressos, a televisão recria as condições de comunicação que existiam nos séculos quatorze e quinze. Biologicamente estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e para ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria das imagens. O novo ambiente midiático que está surgindo fornece a todos simultaneamente, a mesma informação. Dadas as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância. (POSTMAN, 1999, p. 94).

Assim, segundo Postman (1999), no século XXI é possível conviver com a “criança adulto”, onde já é possível destacar meninas que estão entre modelos com os maiores salários no mundo, já sendo inseridas no mundo adulto.

Após a marcação de algumas questões constitutivas da infância nos dias de hoje, podemos observar uma regressão. Parece-nos que a infância novamente tem voltado a ser adulto. Temos visto que a cada dia que as crianças tem sido levadas a ser igualadas aos adultos. Podemos observar isso nas roupas infanto-juvenis que são idênticas aos dos adultos, a alimentação, que tem sido de má qualidade em muitos casos; os jogos que tem se tornados metódicos, robotizados, industrializados, no quais a criança, em alguns casos, não precisa criar, pois já está pronto; podemos destacar até o entretenimento que acaba sendo o mesmo para os adultos e para as crianças, nem mesmo os desenhos lançados nos cinemas são de cunho totalmente infantil, pois já se pode perceber falas com duplo sentido em algumas programações e desenhos instituídos para o público infantil.

Ao tomarmos a *infância como uma construção social*, percebemos que cada sociedade estabelece seu conceito de infância, podendo ser porosa a alterações

conforme o passar do tempo, conforme cultura, classe social e surgimento de inovações. Cada infância é construída socialmente conforme o modo de vida da sociedade. “Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades, outros realçam aquilo que ela carece” (Pinto, 1997, p.33-34).

Quando entendemos a infância como uma construção social, e a interpretamos como um período da vida, não se pode afirmar que de fato a infância desapareceu. Em alguns países, sim, há poucas crianças, muitas famílias escolhem ter somente um filho e assim a infância vai diminuindo, mas não deixa de existir. Mas em nosso país, ainda há infância, pois ainda existe criança. Tanto que as mesmas crianças movimentam a economia.

No município de São Gonçalo, por exemplo, há muitas crianças, tanto nas escolas de educação infantil como fora delas. E por onde passamos é possível ver crianças que ainda irão nascer, crianças de colo, crianças que brincam nas ruas, crianças saindo das escolas, crianças por todos os lugares. São tantas crianças que não há vagas para todas elas nas creches e escolas, a oferta não cobre a demanda de vagas. O que nos leva a questionar o *desaparecimento da infância*, segundo a concepção de Postman (1999). Para onde se olha, há criança e por isso parece **existir infâncias** (grifo nosso). Mas, com a variedade de contextos sociais presentes, estes diversos contextos nos levam a questionar a infância contemporânea, além de provocar muitos pesquisadores a pensar se a existência concreta de crianças realmente significa a existência de uma infância pensada nos modelos sociológicos clássicos no Brasil. São múltiplos os olhares, múltiplas experiências, múltiplas vivências, múltiplas infâncias que estão presentes em cada lar, cada rua, cada sala de aula.

A infância ora é uma estrutura universal, constante e característica de todas as sociedades, ora ela é um conceito geracional, uma variável sociológica que se articula à diversidade da vida das crianças considerando a classe social, o gênero e pertencimento étnico, ou seja, ora a infância é singular, ora é plural. (ABRAMOWICZ, 2011, 17)

A infância, no campo da sociologia, é entendida como uma transição da natureza à cultura. E as crianças pequenas são vistas como atores sociais, onde modificam os lugares que ocupam e vem ganhando visibilidade como um ser que tem importância, pensam e imaginam. A criança também tem suas limitações, seu tempo e segundo Abramowicz (2011, p. 19), o tempo da criança é o tempo presente.

Podemos afirmar que a criança é atemporal, pois nela estão presentes três períodos de tempo: O presente, o passado e o futuro. “[...]a criança é, também, uma multiplicidade de tempo. Assim uma criança é ao mesmo tempo universal, individual e singular” (ABRAMOWICZ, 2011, p.20).

A criança carrega consigo muito mais que uma carga genética, mais carrega em si uma história do passado de sua família, o passado de sua nação, de seu povo, já traz consigo hábitos, pois “ao nascer já se inscrevem nela muitas coisas, a história de um gênero, de uma sexualidade” (ABRAMOWICZ, 2011, p.20).

A criança é também o presente, um presente, como diz ABRAMOWICZ (2011, p.20), “o presente que ela anuncia é um presente do qual nós adultos não fazemos parte e desconhecemos, pois é um presente em infância, como criança, um tempo que não somos/temos mais”.

A autora afirma ainda que há dois presentes no olhar da criança, um, o presente em criança de que não fazemos parte, e o outro presente de que todos fazemos parte. E que é também o presente do qual todos nós fazemos parte, nós vivemos como adultos, no qual cada um de nós é atravessado por outros tempos, um mesmo presente que a criança. Passamos pelo presente da criança, fazemos parte dele, mas ainda assim a criança vive o seu presente independente de nós adultos estarmos nele, a criança, “inscreve e é inscrita, na medida em que nossas práticas constituem crianças de determinadas maneiras, ao mesmo tempo em que as crianças se subjetivam, como uma força sobre si próprias, que as e se constituem”. (ABRAMOWICZ, 2011, p. 20) A sociologia define isso como autoria social, onde a criança escreve a sua própria história.

E ao mesmo tempo em que a criança é presente e passado, é também promessa para a humanidade, onde muitos descarregam seus sonhos, realizações. Pois, segundo Abramowicz:

“A criança é devir, um futuro que ainda não está e não é, uma criança que nasce traz em si esse futuro, ela é o tempo intempestivo, o tempo de ruptura, a fratura, a descontinuidade daquilo que não sabemos, não somos, não está, estamos em via de nos deferir, e que será inventado.” (2011, p. 21).

Para muitos a criança é o “futuro da humanidade” e pensar a infância contemporânea é pensar sua multiplicidade, sua pluralidade, seus múltiplos contextos e experiências. A criança contemporânea, não é homogênea como a dos séculos passados, onde se havia um padrão de comportamento, um padrão de fala e até a formação familiar era igual: mãe, pai e filhos.

A sociedade passa por diversas modificações, e a infância, como construção social, se estrutura conforme estas modificações, e sendo elas positivas ou negativas, não podemos afirmar que a infância desapareceu. Não sair para brincar na rua, ficar na frente da televisão ou do computador, o isolamento social, a “criança adultizada” e muitos outros contextos não pode definir o desaparecimento da infância, pois ainda existem crianças que lutam para não perder a condição social e cultural de crianças. Crianças estas que, muitas vezes, chocam e desafiam os adultos com seus questionamentos. Mas se entendemos que a infância contemporânea cada vez mais tem vez e voz, a cada dia esta infância se tornará mais e mais questionadora. O que já produz um certo desassossego tantos nas famílias, quanto no cotidiano escolar, visto o padrão autoritário e adultocêntrico no qual a nossa sociedade se estrutura.

Para situarmos o nosso objeto e campo de investigação, ressaltamos que a criança ao nascer já nasce inserida numa cultura, e na contemporaneidade, esta cultura hegemonicamente é reconhecida como a *cultura do consumo* (BAUMAN, 2008). Esta forma cultural vem moldado o campo social, sendo as crianças fortemente vulneráveis aos diferentes apelos das mídias e do próprio consumismo de suas famílias, que inúmeras vezes também estão imersos nesta cultura do consumo, sendo também influenciados juntamente com seus filhos pela publicidade e sedução do “mundo das coisas”. Compreender a cultura do consumo e suas reverberações nas subjetividades das crianças e dos adultos torna-se uma questão crucial para as escolas das infâncias, sobretudo pelo compromisso em edificarmos pedagogias emancipatórias que reconheçam o protagonismo das crianças e sua capacidade de pensar e expressar o mundo em que vivem.

Assim, no próximo capítulo, buscarei tratar da relação da infância contemporânea com a cultura do consumo, aprofundando questões sobre mídia televisiva, enfocando direcionada às crianças de uma escola da infância em Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro.

Capítulo 3:

Mídia, cultura do consumo e a Escola das Infâncias.

O objetivo de todo este percurso teórico-metodológico da pesquisa tem sido o de investigar a influência da propaganda televisiva resultando no consumo exacerbado da infância em nossa sociedade, juntamente com nosso grupo de pesquisa na FFP/UERJ- Infâncias e desigualdades, onde busco aprender e refletir sobre as infâncias, as crianças e a relação social mais ampla. Neste meu percurso busquei através da observação e dos diálogos com as crianças, aprofundar nestas questões.

Observando as crianças e na reflexão da infância, temos como base a Sociologia da Infância (2011), que nos apresenta a criança como um ser múltiplo, como um sujeito social, como um ator social.

Esta nova concepção sociológica considera as crianças como participantes de uma rede de relações que vai além da família e da escola ou creche. Como sujeitos sociais, elas são capazes de produzir mudanças nos sistemas nos quais estão inseridas, ou seja, as forças políticas, sociais e econômicas influenciam o cenário social, político e cultural. Nesse sentido a infância é formada por sujeitos ativos e competentes, com características diferentes dos adultos. As crianças pertencem a diferentes classes sociais, ao gênero masculino ou feminino, a um espaço geográfico onde residem, à cultura de origem e a uma etnia, em outras palavras, são crianças concretas e contextualizadas, são membros da sociedade; atuam nas famílias, nas escolas, nas creches e em outros espaços, fazem parte do mundo, o incorporam e, ao mesmo tempo o influenciam e criam significados a partir dele. (NASCIMENTO, 2011, p. 41)

Na pesquisa com crianças, nosso principal objetivo é exercitar a cada dia a *escuta sensível* (BARBIER, 2007), o que nos possibilita compreender sua fala, interpretar o sentido. Sabemos que, algumas vezes, não ouviremos a resposta esperada ou o resultado estabelecido, pois este ser que ao mesmo tempo é social é singular e traz muitas particularidades como, por exemplo, valores, expectativas, aspirações, interesses (FARIA; FINCO, 2011, p. 29) que podem entrar em conflito com nossos valores, expectativas, aspirações, interesses, mas como pesquisadores de crianças é importante romper nossos paradigmas e permitir que as crianças falem. Antes de chegar ao campo, muitas concepções sobre o tema, já estavam

previamente estabelecidas, mas um questionamento feito por um professor nos leva a refletir sobre a fala da criança: “Como você sabe? A criança disse isso?”. Como pesquisadores, muitas vezes acreditamos ter a resposta nas mãos, e não pensamos na importância de ouvir nosso objeto de pesquisa: as crianças. “A criança falar, não é pouca coisa” (FARIA; FINCO, 2011, p. 24), pois ela como centro da pesquisa é que tem a fala mais importante. Se queremos saber o que uma criança pensa, é só perguntar a ela. “[...] é preciso perguntar e depois querer saber sua opinião e de fato escutar” (Idem, p.33). Nesta pesquisa o que mais nosso maior objetivo é ouvir, dar voz a esta criança.

Neste sentido, buscou-se a construção de uma pesquisa sobre crianças, *com* as crianças e não somente *sobre* elas. Do ponto de vista metodológico, na construção de alguns *dados* e informações sobre a escola, procurei observar suas práticas e relações educativas entre elas, baseando parte de minha investigação no uso e na aplicação de um questionário direcionado a algumas professoras e mães. O questionário foi utilizado para o aprofundamento de algumas questões sobre o consumismo das crianças dentro e fora da escola, e para saber o pensamento da família sobre o consumo.

Com este intuito, como estagiária no **Centro Educacional Aldeia da Prata**, a partir de agosto de 2013, e como pesquisadora, e bolsista no programa de Iniciação Científica da UERJ- PIBIC/CNPq, desde 2011, busquei investigar a relação da infância com a cultura do consumo na escola das infâncias.

Nosso foco com esta pesquisa está delimitado a mídia televisiva, pois a televisão é acessível a todos e segundo o IBGE- PNAD (2011) 96,9% da população brasileira possuem televisão e esta tem sido companheira diária de muitas crianças que ficam expostas a qualquer conteúdo sem, na maioria das vezes, supervisão dos pais. E por possuírem este conhecimento as indústrias de artefatos e brinquedos direcionados ao público dito “infantil”, têm investido em mais propaganda, criando os melhores meios para chamar atenção dos pequenos com jingles, animações e músicas que contribuem para fixar a marca do produto.

Ao observar a mídia televisiva, podemos perceber que a propaganda tem utilizado a criança para vender seu produto com mensagens que prometem a *felicidade eterna*, fazendo-lhes acreditar que se não possuir tal produto serão

infelizes e frustrados em todos os ambientes sociais. Nas crianças, é possível perceber que a questão do consumo ultrapassa o ato de comprar, ela interfere no comportamento, nos valores de convivência na sociedade. Onde o outro interessa somente se possuir o que me interessa. O ter está antes do ser.

3.1 Uma escola das Infâncias em Itaboraí

A Instituição Educacional: Centro Educacional Aldeia da Prata, está localizada na Rua 05, Lote 415, Quadra 17, Bairro Aldeia da Prata, Itaboraí, Cep: 24800000, Rio de Janeiro, Itaboraí. CNPJ MF 03.586.126/0001-88. Telefone 3638-1532 o mesmo à 18 anos. Tem como diretora Eliane da Silva Costa Martins e como Orientadora pedagógica e Secretária Andréa de Oliveira Rocha da Silva.

A Instituição atende a uma clientela de nível sócio-econômico médio baixo e sua maioria reside no próprio bairro e é participativa e incentiva de forma contínua as atividades escolares. O prédio da escola tem uma área livre onde a criança tem a liberdade para brincar e vivenciar o meio ambiente. Funciona em dois (2) turnos, manhã das 8 às 12hs e a tarde das 13 às 17hs. Os cursos mantidos são de Educação Infantil, dividido em Jardim I, II e III e o Ensino Fundamental do 1º ano ao 9º.

Sua Concepção está baseada nas linhas teóricas de Paulo Freire, Jean Piaget, Na Lei de Diretrizes e Bases, no Estatuto da Criança e dos adolescentes, e na Constituição Federal e nos Planos Curriculares Nacionais. O Projeto Político Pedagógico busca conciliar humanismo e a tecnologia, os acontecimentos dos princípios científicos que presidem a produção moderna e o exercício da cidadania plena, na formação e autonomia intelectual. Tem como Base Filosófica, o desenvolvimento individual e social do aluno, baseados nos princípios da solidariedade, da autonomia, da cidadania, do respeito próprio e mútuo.

A escola busca, em seu planejamento, currículo, metas e ações orientar a formação da personalidade de seus alunos, assegurando-lhes o desenvolvimento harmônico e pleno, quer no plano emocional, quer no plano intelectual, desenvolvendo os fundamentos estéticos, políticos e éticos preconizados na Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Procura favorecer a integração escola-comunidade, visando tornar a Escola entidade atuante no progresso da localidade em que está inserida. Esforça-se por pensar, analisar e inserir todos os componentes da escola na construção histórica atual, na qual cada um é agente participativo. Tem buscado incentivar a cidadania, voltada para o bem comum, com consciência dos direitos e deveres. Empenha-se em incentivar a arte, o espírito criativo, a produção artesanal e a disciplina e incluir o aluno no mundo subjetivo.

Por algumas razões pessoais aceitei o convite para ser estagiária no CEAP - Centro educacional Aldeia da Prata- mas o principal deles foi o de contribuir com o objetivo de me tornar uma professora pesquisadora observando as crianças de uma escola particular e sua relação com a cultura do consumo. E apesar das singularidades e da própria história da escola, foi possível perceber que a questão do consumo infantil não tem sido muito diferente do que o observado na escola Pública.

3.2- O que nos dizem os sujeitos sobre a cultura do consumo?

Nesta Pesquisa, na tentativa de saber mais sobre os olhares dos adultos sobre a cultura do consumo, utilizo um como método de investigação um questionário pré-elaborado com oito (8) perguntas básicas e, como já dito antes, o diálogo com as crianças.

O questionário, objeto de nossa discussão/reflexão compartilhada, não representou um instrumento de coleta de dados no sentido metodológico/sociológico clássico. Ele foi a materialização possível do trabalho daquele coletivo escolar, diante de uma demanda específica, frente a uma questão complexa cujo aprofundamento tornou-se responsabilidade político-pedagógica, senão de todos, mas de muitos daquele coletivo. (TAVARES, 2000 p. 2)

Em razão de toda a correria desta época do ano nas escolas com a preparação das festas de fim de ano, relatórios, provas, o questionário foi respondido por apenas duas professoras e uma mãe. Através do questionário, busco compreender o olhar das professoras e mães sobre a cultura do consumo e sua relação com a infância.

Dados de das entrevistadas:

1)NOME: Aline Rodrigues da Silva

IDADE: 32 anos

PROFISSÃO Professora de Inglês (Associação de Moradores do Bairro Aldeia da Prata)

Mãe do Davi de 5 anos

2) NOME: Simone Régia Monteiro De Souza da Silva

IDADE: 37 anos

PROFISSÃO: Professora

TEMPO DE MAGISTÉRIO: 20 anos

3)NOME: Barbara Neves Nunes

IDADE: 24 anos

PROFISSÃO: Professora

Os resultados da aplicação do questionário foi muito enriquecedor no que se refere a aprendizagem, e enriquecem cada observação e diálogo com as crianças da escolas pesquisada – o CEAP, na qual além do estágio profissional, venho buscando investigar a infância e sua relação com o consumo. A seguir apresento as entrevistas que contribuíram com este trabalho monográfico.

Entrevista com a mãe Aline:

1-Como você vê a criança hoje?

Resposta: Hoje vejo as crianças na maioria das vezes sem a presença dos pais, sem o acompanhamento nas tarefas de casa, nas brincadeiras e na educação como um todo.

2-Para você, todas as crianças tem infância?

Resposta: Não. Conheço crianças de 9 e 11 anos que trabalham e estudam. Que tomam conta dos irmãos menores e fazem as tarefas domésticas enquanto os pais trabalham, o que tem roubado sua infância. Na maioria das vezes, nessas famílias, não há a presença da “figura paterna”.

*3-Você percebe diferenças entre a sua infância e a infância de suas crianças?
Como assim?*

Resposta: Sim. Minha infância foi de brincadeiras de rua, de boneca e de casinha. Poucos brinquedos e muitas brincadeiras.

4-Como você vê a relação da criança com a televisão?

Resposta: Uma relação em primeiro lugar induzida pelos pais para ocupar o papel de babas de crianças. Com conteúdos na maioria das vezes de desenhos violentos, de propagandas e novelas impróprias.

5-Você acha que a televisão acentua o consumismo das crianças?

Resposta: No intervalo entre os desenhos há uma fonte de propagandas de brinquedos, calçados e acessórios. Na maioria dos comerciais no final usam frases como: “Você não pode ficar sem.” “Peça para a mamãe e o papai.”

6-Em sua opinião, qual o papel dos pais na cultura do consumo? E o papel da escola?

Resposta: O papel dos pais é o de maior peso, pois o maior exemplo vem de casa. Se sou consumista e materialista, logo meu filho será. Somos o exemplo dos filhos. E Quanto a escola, acredito que deva focar mais na ideia do reciclar, do reaproveitar, de que nem tudo é “descartável”, as crianças estão se desfazendo das coisas com muita facilidade. Deve também ser passado a idéia de igualdade entre eles, e não de competição.

7-Você acha que em nossa escola as crianças são muito consumistas? Por que?

Resposta: Não conheço todas as crianças da escola do meu filho. Mas quanto ao meu filho, depois de entrar na escola tem se mostrado consumista, questiona que determinados colegas tem um brinquedo e ele não. Digo que cada um tem um brinquedo diferente. E que não devemos querer algo só porque outros tem.

8-O que você acha que a escola e as famílias deveriam fazer para que as crianças não fossem consumistas?

Resposta: Quanto a escola, não concordo com o “dia do brinquedo”. Acho que além de torná-los consumistas, os torna competitivos e egoístas. E quanto às famílias, dizer “não” faz parte do processo de educar.

Entrevista com a Professora Simone:

1-Como você vê a criança hoje?

Resposta: Vejo a criança nos dias atuais, como um ser humano capaz de observar, investigar, interagir e também de construir seus conhecimentos.

2-Para você, todas as crianças tem infância?

Resposta: Todas deveriam ter, mas infelizmente por motivo de violência, trabalho infantil, enfim, várias questões negativas, as crianças não tem usufruído de uma etapa tão importante de suas vidas.

3-Você percebe diferenças entre a sua infância e a infância de suas crianças? Como assim?

Resposta: Com certeza, sim. A começar nas brincadeiras, na minha infância eu brincava de elástico, bambolê, roda, corda, nos dias atuais, devido o avanço tecnológico, as crianças brincam com celular, tablete, etc.

4-Como você vê a relação da criança com a televisão?

Resposta: É fato que a relação é bastante estreita, principalmente quando o responsável não dispõe de tempo para passar com a criança, por esse motivo, a televisão passa a ser o refúgio, a fuga ou até mesmo o amigo da mesma.

5-Você acha que a televisão acentua o consumismo das crianças?

Resposta: Sim, pois através de comerciais e propagandas de brinquedos, roupas, sandálias e sapatos de determinada marca, acaba contribuindo para o consumismo de crianças.

6-Em sua opinião, qual o papel dos pais na cultura do consumo? E o papel da escola?

Resposta: Os pais devem ser exemplos positivos para os filhos, não estimulando o consumismo. E o papel da escola deve ser o de conscientizar através de projetos que é possível ser feliz e viver bem, sem necessariamente consumir.

7-Você acha que em nossa escola as crianças são muito consumistas? Por que?

Resposta: Percebo que as crianças em nossas escolas são “muito consumistas”, porque sofrem influencia do meio em que vivem.

8-O que você acha que a escola e as famílias deveriam fazer para que as crianças não fossem consumistas?

Resposta: A escola e a família deveriam fazer um trabalho de conscientização, através de projetos, passeios, enfim, programas que valorizem o ser humano sem precisar estimular o consumismo.

Entrevista com a Professora Barbara (respondido via e-mail):

1-Como você vê a criança hoje?

Resposta: Eu vejo as crianças de hoje em dia como “mini adulto”, onde muitas estão perdendo a inocência e passando a se comportar conforme seus responsáveis, mas sem a maturidade pra entender e assumir as consequências de seus atos. Observo que muitas crianças não vêm de um lar estável ou de um ambiente emocional estável onde elas possam ter oportunidades de realizar progressos em seu desenvolvimento. Claro que isso não ocorre com todas elas, mas poucas são as crianças que passam sua infância sendo criança; brincando, se divertindo, se desenvolvendo de acordo com a sua idade.

2-Para você, todas as crianças tem infância?

Resposta: Nem todas, as crianças tem a infância porque muitas perderam sua ingenuidade, a simplicidade e a inocência da vida. Entendo que a infância é a fase da vivência e percepção do mundo a partir do agir, olhar, tocar, sentir, pular, correr, saborear, brincar, gritar, cantar... E muitas são privadas desses processos de desenvolvimento, não digo todos, porém alguns ou outros mais ou outros menos enfim tento ao lado um responsável para cuidar e orientar certamente será uma criança saudável. Mas sabemos que não é isso que realmente acontece atualmente, pois muitas delas tem responsabilidades de um adulto e isso acarreta grandes marcas e sérias sequelas à vida adulta.

3-Você percebe diferenças entre a sua infância e a infância de suas crianças? Como assim?

Resposta: Percebo diferenças entre minha infância e a Infância atual. Citarei exemplos que vivi na minha infância e que vejo que hoje não é isso que acontece com as crianças. Na minha infância assisti menos televisão, comparado com as crianças atuais; brinquei com mais crianças além do horário da escola; gostava de

ouvir histórias e cantigas contadas pelos meus avós, convivia diariamente com os meus familiares; tive em boa educação alimentar de acordo com a minha idade e para o meu desenvolvimento; sempre tive horário para dormir. Vejo que a infância atualmente o modo de vida mudou, onde os pais trabalham muito para o sustento dos seus e não sobra tempo para os filhos; as crianças comem na hora e o que querem, elas ficam assistindo televisão a maior parte do tempo, só tendo vida social na escola, ou seja, atualmente as crianças não têm uma vida regrada. E os responsáveis com o pouco tempo que lhes sobram acham que compensam dar presentes para suprir sua ausência. Com isso imaginar futuros adultos com muitos problemas de saúde como depressão, por exemplo.

4-Como você vê a relação da criança com a televisão?

Resposta: Eu vejo que as crianças passam muito tempo assistindo televisão e muitas das vezes é a única companhia ou forma de não ficarem sozinhas; elas passam mais tempo na frente de uma televisão do que dentro de uma sala de aula. Sabemos que a televisão tem o poder de entreter, informar as crianças, porém exerce influências indesejáveis e muitas vezes inapropriadas em relação à sua idade quando não são supervisionadas pelos responsáveis. Além disso, a televisão tem o poder de influenciar o consumismo e de não haver a diferenciação entre a fantasia e a realidade. Isso sem citar a má influência quanto aos hábitos alimentares, cuja não são nada saudáveis.

5-Você acha que a televisão acentua o consumismo das crianças?

Resposta: As crianças são as principais vítimas do consumismo que a televisão nos impõe; que por sua vez não são apenas encontrados apenas em programas vistos, mas em grande parte da programação apresentada nos anúncios de comerciais. Isso com certeza estimula o consumismo, induz à má alimentação, difundem estilos de vida que associam a posse de bens materiais supérfluos como fatores de sucesso, alegria e bem estar. Por consequência a televisão expõe as crianças a tipos de comportamentos e atitudes que podem ser difíceis compreendidos, analisados e muitas das vezes filtrados por elas; cabe aos responsáveis esse papel.

6-Em sua opinião, qual o papel dos pais na cultura do consumo? E o papel da escola?

Resposta: Os pais tem o papel fundamental em relação a cultura do consumo que é colocado a dispor das crianças na televisão. Os pais devem escolher os programas adequados para o nível de desenvolvimento da criança, estabelecer horários para estudo e televisão, e sendo assim não permitir que façam as tarefas escolares com a televisão ligada, assistir programas com elas e discutir o conteúdo que é visto; e o que não se vê com tanta frequência é na hora das refeições todos se sentarem à mesa para conversar, voltar ter esse hábito é de grande valia e não esquecer de manter a televisão desligada.

Na escola, a cultura do consumismo pode ser aproveitada para estimular discussões sobre o que está sendo visto, evidenciar comportamentos positivos, fazer conexões com histórias do cotidiano ou até mesmo de livros e lugares, enfatizar valores pessoais e familiares, discutir sobre o papel da publicidade e sua influencia no que se compra expondo sempre os pontos negativos e os positivos.

7-Você acha que em nossa escola as crianças são muito consumistas? Por que?

Resposta: Nas escolas as crianças são consumistas, pois são influenciadas pela sociedade capitalista onde quem tem bens materiais mais modernos ou de ultimo lançamento são bem vistos e mais populares entre o meio onde vivem. Estamos vivendo no momento em que os hábitos, o estilo de vida e as relações sociais do homem estão se conciliando no que a pessoa tem e não em que ela verdadeiramente é como pessoa.

8-O que você acha que a escola e as famílias deveriam fazer para que as crianças não fossem consumistas?

Resposta: Os familiares e as escolas deveriam debater discutir sobre o consumismo e assim expor a real necessidade de obter ou não o determinado bem material. E assim sempre esclarecer que a televisão é uma atividade passiva e que quando a assistimos recebemos imagens e mensagens prontas e isso atrofia a criatividade e a imaginação. Instruir, aconselhar, supervisionar, orientar são maneiras positivas de criarmos crianças menos consumistas e mais conscientes para o mundo capitalista em que vivemos.

Através dos relatos, do que foi observado e conversado com as crianças é compreendemos que o consumismo é um problema cultural e social grave, pois pode gerar consequências sociais e ambientais desastrosas, como, por exemplo, esquecer o valor do outro, a morte da alteridade outro como consumo.

“No intervalo entre os desenhos há uma fonte de propagandas de brinquedos, calçados e acessórios. Na maioria dos comerciais no final usam frases como: “Você não pode ficar sem.” “Peça para a mamãe e o papai.”” (ALINE, 2013)

“É fato que a relação é bastante estreita, principalmente quando o responsável não dispõe de tempo para passar com a criança, por esse motivo, a televisão passa a ser o refúgio, a fuga ou até mesmo o amigo da mesma.” (SIMONE, 2013)

“Eu vejo que as crianças passam muito tempo assistindo televisão e muitas das vezes é a única companhia ou forma de não ficarem sozinhas; elas passam mais tempo na frente de uma televisão do que dentro de uma sala de aula. Sabemos que a televisão tem o poder de entreter, informar as crianças, porém exerce influências indesejáveis e muitas vezes inapropriadas em relação a sua idade quando não são supervisionadas pelos responsáveis. Além disso, a televisão tem o poder de influenciar o consumismo e de não haver a diferenciação entre a fantasia e a realidade. Isso sem citar a má influência quanto os hábitos alimentares, cuja não são nada saudáveis.” (BARBARA, 2013)

Ao observar a mídia televisiva, podemos perceber que a propaganda televisiva tem utilizado a criança para vender seu produto com mensagens que prometem a *felicidade eterna*, fazendo-lhes acreditar que se não possuir tal produto serão infelizes e frustrados em todos os ambientes sociais.

A cada dia podemos observar crianças com o desejo de acesso ao consumo sempre maior e muitas vezes sem necessidade, como se comprar fizesse parte de uma experiência infantil de entrada na sociedade contemporânea. Com o aumento das tecnologias não é somente a mídia televisiva que investe em propaganda e marketing para a influência das crianças como, por exemplo, celulares, computadores, vídeo games, rádio, e até mesmo na internet onde muitas crianças, mesmo com a restrição da idade possuem perfil em redes sociais.

3.3- As Crianças e o Consumo

No contato com as crianças de 4 a 5 anos, foi possível perceber o quanto são influenciadas pelos artifícios utilizados pelas propagandas. Até mesmo em seus diálogos mais livres ocorria uma narração de comerciais transmitidos e assistidos na televisão. A mídia televisiva na contemporaneidade tem sido o principal veículo de persuasão do público infantil, o que tem influenciado e contribuído para o ingresso destas no universo adulto e mesmo sem compreendê-lo o imita. Podemos perceber isto em algumas brincadeiras, por exemplo, quando as crianças com aproximadamente cinco anos querem beijar na boca, se dizendo namorado e namorada ou utilizam termos que, julgamos, nem adultos deveriam utilizar, ou mesmo as roupas das meninas que querem ser adolescentes e estão preocupadas desde cedo com roupa e estética de um modo geral.

“As crianças são as principais vítimas do consumismo que a televisão nos impõe; que por sua vez não são apenas encontrados apenas em programas vistos, mas em grande parte da programação apresentada nos anúncios de comerciais. Isso com certeza estimulam o consumismo, induzem a má alimentação, difundem estilos de vida que associam a posse de bens materiais supérfluos como fatores de sucesso, alegria e bem estar. Por consequência a televisão expõe as crianças a tipos de comportamentos e atitudes que podem ser difíceis compreendidos, analisados e muita das vezes filtradas por elas; cabe aos responsáveis esse papel.” (BARBARA, 2013)

A mídia parece encurtar a infância e não faz exceção, ela é para todos independente da faixa-etária. Como todos tem acesso a televisão, ela está aberta a todos pois o controle do que os filhos irão assistir requer o posicionamento dos pais, pois supomos, que a mídia televisiva não está preocupada com quem ou o que assistem, mas sim com a audiência, independente de restrição.

Nos comerciais televisivos, as crianças são cativadas pela música, pelas cores e pelas animações e é este o artifício utilizado pelo marketing para chamar a atenção dos pequenos, pois não exige esforço das crianças para compreender e facilitam a fixação da marca do produto. Com mensagens prometendo a felicidade tornam os produtos indispensáveis a vida, hibridizando a fantasia com a realidade, persuadindo através da propaganda com o objetivo de seduzir e criar consumidores fiéis.

[...] televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada:

primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público. Com a ajuda de outros meios eletrônicos não impressos, a televisão recria as condições de comunicação que existiam nos séculos quatorze e quinze. Biologicamente estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e para ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria das imagens. O novo ambiente midiático que está surgindo fornece a todos simultaneamente, a mesma informação. Dadas as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância. (POSTMAN, 1994, p. 94).

Por conta da cultura de exclusão, a concepção de necessidade está presente porque todo indivíduo tem a necessidade de se sentir aceito, incluído ou, em alguns casos, superior. O conceito do possuir nos dias de hoje virou regra social, onde o ter é mais importante que o ser, o que tem gerado inversão de muitos valores, desvalorizando o sujeito que é visto como “coisa” e que perde seu valor em alguns instantes:

Quando esses valores que propiciam a convivência entre as pessoas entram em crise, ou seja, modificam-se ou não são mais assumidos pela maioria, a sociedade entra numa crise ética. Imerso numa cultura de “objetivação”, o ser humano passa a comportar-se como coisa, mercadoria, exercendo desta forma uma desvalorização da ideia de sujeito moral . (SOUZA, 2000, p. 114)

O consumidor infantil como estamos observando na escola das infâncias, é aquele que tem a televisão como companheira diária e passando muitas horas exposta a todo tipo de influência. Grande parte das famílias, especialmente seus pais trabalham o dia todo, permanecendo menos tempo em casa, trabalhando cada vez mais para a melhoria de sua condição financeira e não tendo tempo disponível para dialogar com seus filhos, muito menos de saber o que assistem na televisão e para suprir esta falta oferecem aos filhos tudo o que lhes pedem, sem ao menos saber o motivo. A ausência da família parece contribuir para que as crianças se tornem solitárias e atarefadas, tendo, também, cada vez menos diálogo em casa.

O consumo desenfreado tem estimulado a criança com mensagens que incitam a não pensar no outro, a pensar que tem que ser cada vez melhor individualmente, contribuindo para uma postura egoísta corroborando o

individualismo e a solidão. Por exemplo, para muitas crianças comprar em shoppings se torna melhor do que brincar com amigos na rua, ou em suas casas

Solange Jobim (2003, p. 89) citando Adorno (1995) nos diz que o amor é absorvido por coisas, máquinas, mercadorias enquanto tais, incapacitando as pessoas de amar pessoas. O ser humano tem sido cada vez mais julgado pelo que possui, seus bens (ter) são mais importantes do que ele (ser). E isto é perceptível em algumas atitudes das crianças como, por exemplo, só brincar com algum coleguinha se este possuir algum brinquedo de seu interesse, excluindo algum colega do grupo por não possuir o mesmo que elas. E muitas vezes a criança por estar sendo constrangida na escola ou excluída, pressiona seus pais a comprar algum brinquedo, ou qualquer outro produto. Algo que me chamou a atenção e agrega como as crianças se dirigiam umas as outras quando possuíam algum brinquedo, ou qualquer outro objeto, que despertasse seu interesse e se negassem, surgia a pergunta: “Você não é meu amigo?” e se o dono do objeto respondesse com um não, ou aconteceria uma agressão física ou choro ou até mesmo alguma negociação que o fizesse desfrutar daquele objeto por alguns minutos. O que me chama atenção não é o fato de haver a agressão, ou o choro ou a negociação, mas o fato como até o tom de voz dá o sentido de submissão para conseguir o objeto do colega.

Há várias situações em que podemos perceber pelas atitudes das crianças que mesmo tão pequenas e muitas vezes julgamos sem alguma capacidade de raciocínio é capaz “lutar com suas armas (a choro, a agressão física, a expressão facial, a troca de brinquedos, etc.)” para conseguir o que querem.

3.4 A influência da mídia televisiva nos processos formativos das crianças

Segundo Solange Jobim, a cultura do consumo é a linguagem da mídia (2003, p. 92) e podemos dizer que a televisão é uma vitrine para as crianças e a propaganda se apropria disso utilizando a criança para afetar o adulto, cria uma falsa sensação de necessidade e, como já foi dito anteriormente, a cultura de exclusão faz o indivíduo ter a necessidade de se sentir aceito, incluído ou, até

mesmo, superior e dependendo da vivência na escola a criança necessita de algum produto para se preencher.

O foco da mídia é o público infantil, o que tem tornado o consumo regra social desde a infância. E a ideologia do consumo vem sendo utilizada como forma de distinção entre as pessoas, como marca de superioridade tornando-as mais empoderadas do que os outros produzindo um sentimento de mais status social.

A exploração da criança pela mídia e pelo mercado publicitário nos parece favorecer a erotização precoce, a delinquência, a obesidade infantil, o materialismo excessivo, desgaste das relações familiares e a inversão de valores. As crianças passam a ter a necessidade de consumir muito intensa, o que gera a competição, a necessidade de se sentir como o outro, ou seja, a padronização, a superioridade, a seletividade. As regras de convívio social têm sido estabelecidas por este consumo.

Com esta influência, a infância contemporânea parece acreditar que é preciso *ter para ser*, a mídia incita o consumismo priorizando o ter, possibilitando que as crianças fiquem expostas aos valores transmitidos pela mídia, que é mais formadora da subjetividade do que o ensino escolar, contrariando muitas vezes os valores familiares e escolares, enfraquecendo as relações sociais em casa e na escola, substituindo, assim, brincadeiras importantes para o aprendizado infantil por outros modelos formativos, tais como a reprodução acrítica dos comerciais assistidos.

No CEAP, pude perceber crianças que mesmo muito pequenas conhecem todas as marcas relacionadas a vestuário, aparelhos eletrônicos, alimentos industrializados e até produtos de beleza. Observei muitas meninas de três (3) e quatro (4) anos portando maquiagem, sandálias muito coloridas e com saltos altos, dificultando brincadeiras de correr e os diferentes tipos de “piques”, com unhas pintadas, muitos brinquedos que são anunciados na televisão, todos os tipos de adornos (tiaras, cordões, pulseiras, anéis, bolsas) e muitos meninos com cortes de cabelo iguais a de jogadores de futebol, tênis de marcas famosas, e também, muitos brinquedos anunciados na televisão e até mesmo, brincadeiras de super heróis.

Como toda escola, o cotidiano escolar é sempre repleto de *acontecimentos*. Trago alguns que me chamaram bastante atenção:

Ao chegar atrasado na sala de atividades, o aluno “Pedrão”(chamado assim por todos na escola) , foi convidado a se agregar a *rodinha*, visto que a turma já estava reunida, contando um pouco do dia anterior. Ao terminar a rodinha, a turma se senta e Pedrão anuncia para alguns colegas que havia levado bonecos do Homem-Aranha. Ao observar melhor o menino, percebo que ele havia chegado com um boné do mesmo personagem. E os tirou da mochila para mostrar e dois colegas chegam perto para ver. E a professora os manda guardar os bonecos. Pedrão guarda e a professora, ocupada com a organização de algumas atividades, distribui alguns brinquedos de encaixe. Como estávamos bem próximos de alguns alunos, algumas vezes pude interagir com eles, e também com Pedrão que estava na mesa a frente. Mesmo estando distante eu tentei interagir com o menino, conversando sobre seus bonecos. Mas, por não poder ir na mesa dos colegas, o tempo todo, ele anunciava que havia levado os bonecos para chamar a atenção, o que demonstra como as crianças buscam construir interações e produzir conhecimento de forma autônoma e criativa.

Um outro acontecimento que chamou atenção, foi o momento em que um aluno conta que a mãe vai comprar um tênis para ele. E então, o aluno Wilhan conta que sua mãe vai comprar o boneco Max Steel e em seguida, narra o comercial todo, detalhe por detalhe. Fiquei refletindo de que forma a cultura do consumo, transmitida através da mídia, vem influenciando a infância, estimulando e formando o seu gosto e experiência estética.

Refletindo as duas observações em sala de aula percebo que, por um lado uma criança tenta conquistar atenção por possuir dois bonecos do Homem-Aranha. E por outro lado, a criança que chama a atenção para si, na tentativa de parecer superior. Este fato não é de menor importância quando nos damos conta de que a televisão tem sido um dos mais eficazes instrumentos de formação das novas gerações.

A mídia invade nosso cotidiano. TVs ligadas a maior parte do tempo, assistidas por qualquer faixa etária, acabam por assumir um papel significativo na construção d subjetividade infantil, enfatizando o papel de crianças e adolescentes como consumidores. (CAMPOS; TATAR, 2000, p.111).

Como já foi dito anteriormente, a televisão tem sido vitrine para a construção da subjetividade das crianças, estimulando o seu desejo de consumo. E isso tem trazido consequências na formação da criança, que ao conseguir conquistar a atenção através de objetos, entendemos, pode vir a ser um adulto que poderá usar deste artifício para conseguir satisfazer suas vontades. E por outro lado, a criança que tenta ser superior, não conseguindo alcançar o que quer podendo ser frustrado. Devemos preservar os sentidos e os tempos da infância, deixando que as crianças possam viver o seu processo de formação, sem serem roubadas de sua infância pela influência e cobranças de uma sociedade capitalista tão voraz quanto a nossa.

Na tentativa de discutir a cultura do consumo com as crianças na escola da infância, entendemos que o diálogo, as conversas interativas entre os adultos e crianças tornam-se oportunidades potentes de construir um diálogo sobre os diferentes sentidos do consumo em nossa sociedade. Segundo Solange Jobim:

a tarefa da educação, hoje, é assumir o compromisso de alterar significativamente os sentidos e os valores hegemônicos do consumismo, enfim, questionar as representações simbólicas que predominam na sociedade contemporânea e que deturpam o ideal de felicidade como atividade da alma para o bem comum. (2003, p.95)

Nesse sentido, compreendemos que a conscientização pode ocorrer através do diálogo, mas não um diálogo baseado no falso moralismo que costuma imperar nas conversas dos adultos com as crianças, mas é preciso ser sincero, ser honesto no diálogo com as crianças, pois os mesmos apreciam esta atitude quando são tratados de forma respeitosa e igualitária. Este diálogo deve acontecer na família e na escola. Família e escola devem caminhar de forma parceira, dialogando como os pequenos levando-lhes a refletir sobre as consequências do consumo exacerbado. Não se pode ser passivo quando se trata das infâncias quando compreendemos que elas são o devir, aqueles e aquelas que constroem as possibilidades de um mundo melhor.

“O papel dos pais é o de maior peso, pois o maior exemplo vem de casa. Se sou consumista e materialista, logo meu filho será. Somos o exemplo dos filhos. E Quanto a escola, acredito que deva focar mais na ideia do reciclar, do reaproveitar, de que nem tudo é “descartável”, as crianças estão se desfazendo das coisas com muita facilidade. Deve também ser passado a idéia de igualdade entre eles, e não de competição.” (ALINE, 2013)

“Os pais devem ser exemplos positivos para os filhos, não estimulando o consumismo. E o papel da escola deve ser o de conscientizar através de

projetos que é possível ser feliz e viver bem, sem necessariamente consumir.” (SIMONE, 2013)

“Os pais tem o papel fundamental em relação a cultura do consumo que é colocado a dispor das crianças na televisão. Os pais devem escolher os programas adequados para o nível de desenvolvimento da criança, estabelecer horários para estudo e televisão, e sendo assim não permitir que façam as tarefas escolares com a televisão ligada, assistir programas com elas e discutir o conteúdo que é visto; e o que não se vê com tanta frequência é na hora das refeições todos se sentarem à mesa para conversar, voltar ter esse hábito é de grande valia e não esquecer de manter a televisão desligada. Na escola, a cultura do consumismo pode ser aproveitada para estimular discussões sobre o que está sendo visto, evidenciar comportamentos positivos, fazer conexões com histórias do cotidiano ou até mesmo de livros e lugares, enfatizar valores pessoais e familiares, discutir sobre o papel da publicidade e sua influencia no que se compra expondo sempre os pontos negativos e os positivos”. (BARBARA, 2013)

O consumo despolitizado, muitas vezes, é inconsciente, estimulando os pequenos a um consumo exacerbado. Nas leituras feitas e observações realizadas nas escolas – campo empírico da pesquisa- podemos perceber que as crianças já nascem inseridas nesta cultura, cercada de marcas famosas e vai crescendo em uma sociedade que cada vez mais exige o *possuir* e esquece a constituição do *ser* e me leva a refletir: Que adulto está sendo formado?

Onde ficam os valores ou os valores de um *consumo consciente*? E nos remete a uma reflexão que consideramos fundamental: muitos pais tem a intenção de dar a seus filhos aquilo que não tiveram em sua infância e acabam dando tudo o que seus filhos pedem ou incentivam este consumo, possibilitando que as crianças se tornem precocemente “consumidoras contumaz”.

No diálogo com as crianças foi possível compreender que os pais também estão inseridos nesta cultura do consumo e muitas vezes incentivam. Em conversa com uma das crianças entrevistadas, pergunto se eles pedem todos os brinquedos e a resposta foi: “*Eles dão por que eles querem, eu não preciso pedir tia.*” Sabemos que é importante que as famílias possam oferecer aos filhos uma vida melhor, mais digna e feliz, que seja pautada porém, em valores de realização pessoal e coletiva. Entendemos ser legítimo o desejo dos pais das camadas populares da ascensão social de seus filhos, o que não implica em uma defesa do consumismo como padrão de vida e de distinção social.

IV- Considerações finais, ainda que provisórias.

A cada dia que passa o apelo televisivo para o consumo cresce. Gasta-se mais com a publicidade do que com a Educação e a cada ano, bilhões de reais são gastos com a intenção de venda de produtos. O que tem dado certo, pois o que se pode perceber é o crescimento acelerado da cultura do consumo, onde o servem depois do ter. Onde se é julgado pelas posses e não pelo que se é como ser humano.

Antes mesmo de nascer às crianças já estão inseridas na lógica do mercado publicitário. E já são vistas como um investimento pela publicidade, toda a expectativa do seu nascimento passa pela escolha do nome, a escolha dos objetos, a organização da casa e tudo mais que rodear o bebê que está por vir e assim será pelo resto de sua vida, a cultura do consumo tem definido o campo social da criança. O consumo não se organiza em torno das diferenças individuais, mas sim, as diferenças individuais que se organizam em torno do consumo.

Segundo Bauman (1925, p.41),

pode- se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na *principal força propulsora e operativa* (grifo do autor) da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais.

No dia 12 de outubro, comemora-se o Dia das Crianças que foi criado em 1920 pelo deputado federal Galdino Valle Filho, mas só foi oficializado em 1924, pelo presidente Arthur Bernardes. Mas este dia só passou a ser comemorado em 1960, após a fábrica de brinquedos Estrela e a Johnson & Johnson criar a semana do Bebê robusto. O que incentivou o consumo precoce.

O que se pode perceber na época de Dia das Crianças é uma enxurrada de comerciais para a venda de produtos que visam alcançar o público infantil que tem uma influência considerável nos gastos da renda familiar. Tudo isso nos leva a questão: No dia 12 de outubro, comemoramos o Dia das Crianças ou é somente um dia que as indústrias de artigos infantis lucram mais que o esperado? E

de a intenção for a de comemorar o Dia das Crianças, por que não comemorar no dia da 20 de novembro, que é a data da aprovação da Declaração dos Direitos das Crianças?

Até os 12 anos a crianças não é capaz de compreender a publicidade de caráter persuasivo e refletir criticamente sobre este apelo televisivo. As crianças não sabem diferenciar programas televisivos de publicidade, até porque o investimento nos efeitos especiais dificulta muito mais esta diferenciação. Cada vez menos crianças tem frequentado as ruas, brincado nas praças, está havendo um afastamento das brincadeiras comuns a infância. Estamos vivenciando uma infância cada vez mais presa dentro de casa, em frente a televisão, ao computador e ao celular.

Segundo Solange Jobim (2003, p. 20), a publicidade é o mais eficiente vetor de subjetivação. As identidades contemporâneas tem se configurado no consumo, pois a publicidade se utiliza de imagens multicoloridas, músicas e jingles de fácil linguagem para vender mercadorias e também estilos de vida. Na contemporaneidade a informação já não é mais de domínio familiar. A publicidade tem participado da formação das crianças mais do que a família e a escola.

Os meios de comunicação assumiram o controle da informação, que antes era feito especialmente pela família e pela escola, alterando não só o tipo de acesso pelas crianças e pelos adolescentes à informação, como também passando a ser um dos mais importantes instrumentos de socialização, disseminando valores, modos de ser e padrões de comportamento, especialmente através da publicidade. (SOUZA, 2003, p. 20)

A infância como uma construção social, é uma responsabilidade de todos. A criança considerada como um adulto em formação se faz necessária à reflexão de que adulto está sendo formado na contemporaneidade. Sabemos que a cada dia a sociedade vai se modificando, valores importantes a dez anos atrás, hoje não se fazem presentes em nossos dias.

Podemos levantar questões como: Uma criança necessita de 15 pares de sapato, de ter bolsas de marca, usar maquiagem? Onde estão as vivências que acreditamos ser fundamentais no cotidiano infantil? E os pais onde se encaixam neste contexto? Temos visto pais perdendo seu poder seu saber não tem valido,

pois a mídia tem ocupado o lugar da família em transmitir para os filhos os caminhos que a criança necessita fazer para constituir a sua infância.

A infância mesmo com todas as medidas, diálogos e intervenções, é importante não desistirmos e como educadores, trazer a reflexão sobre esta questão para as crianças e os pais que, em alguns casos, não tem a consciência deste mal: “consumismo” e tem sido consumidos por ele responsabilidade da família, da sociedade e do Estado protegê-la é nosso dever.

Precisamos preservar a infância e não permitir que seja roubada por uma sociedade do consumo que tem destruído o valor do outro, esquecido valores e corrompido a inocência.. A infância, sendo de responsabilidade da família da escola e do Estado é necessário que cuidemos dela, quando temos a concepção de que “são do futuro da humanidade”. Devemos nos questionar a todo tempo: que adultos estão se formando? O mercado publicitário não está preocupado com o futuro da nação, só está visando o lucro imediato, o que tem aprisionado a infância com a idéia falsa de felicidade que é vendida pela mídia. E quanto a felicidade e infelicidade, Bauman (1925, p. 58-59)

Que os seres humanos sempre preferiram a felicidade à infelicidade é uma observação banal, um pleonasmo, já que o conceito de “felicidade” em seu uso mais comum, diz respeito a estados ou eventos que as pessoas desejam que aconteçam, enquanto a “infelicidade” representa estados ou eventos que elas querem evitar. Os dois conceitos assinalam a distância entre a realidade tal como ela é e uma realidade desejada. Por essa razão, quaisquer tentativas de comparar graus de felicidade experimentados por pessoas que adotam modos de vida distintos em relação ao ponto de vista espacial ou temporal só podem se mal- interpretadas e, em ultima analise, inúteis.

A felicidade é promessa, pois todos a buscam incessantemente, mas não é possível alcançá-la através de um produto que logo assim que adquirido perde seu valor e é substituído por outra promessa de felicidade. A sociedade de consumidores promete a felicidade, mas não se responsabiliza pela infelicidade, pois prospera com a infelicidade. A mentira da promessa de felicidade eterna, feita pela sociedade de consumo é o que sustenta, pois, enquanto o consumidor não for satisfeito ainda vai precisar preencher este vazio.

A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na *vida terrena, aqui e agora* (grifo do autor) e a cada

“agora” sucessivo. Em suma, uma *felicidade instantânea e perpétua* (grifo do autor). Também é a única que evita *justificar* e/ou *legitimar* qualquer espécie de infelicidade (exceto a dor infligida aos criminosos como “justa recompensa” por seus crimes), que *recusa-se* a tolera-la e a apresenta como uma *abominação* que merece punição e compensação. (BAUMAN, 1925, p. 60)

É importante preservar os tempos de infância, e lutar pela conservação da inocência, tornar esta criança reflexiva e não subalternizá-la com o pensamento de que é incapaz de pensar criticamente por ser uma criança. Entendemos que é na infância que formamos adultos conscientes e solidários, sendo necessário investigar e pensar o papel das mídias sobre a subjetividade infantil.

Independente de nossa idade cronológica, construímos formas de satisfação de nossas necessidades e fazemos isso com outros seres humanos. Nossos valores, habilidades e aptidões não podem ser previamente concebidos, cabendo, assim, à educação infantil ser um espaço de relações sociais diversas, heterogêneas, previstas e imprevistas. Crianças e adultos não somente constroem formas para a satisfação de suas necessidades, como também criam novas necessidades, transformando e sendo transformados neste movimento, assim como produzem história e são produzidos por ela, constroem culturas e são por elas constituídos (PRADO apud FILHO; PRADO, 2011, p. 111)

Neste sentido, a escola das infâncias tem um papel muito importante, pois é onde se tem a oportunidade de construir um diálogo que possa formar um cidadão com uma leitura crítica das mensagens publicitárias para que se possa abandonar a passividade em relação aos meios de comunicação.

Quando falamos do compromisso da educação nos dias de hoje, a questão fundamental é intervir neste processo de enraizamento do narcisismo e resgatar um posicionamento crítico em relação à responsabilidade, em relação a si próprio e ao outro. (SOUZA, 2003, p. 24)

[...] a tarefa da educação, hoje, é assumir o compromisso de alterar significativamente os sentidos e os valores hegemônicos do consumismo, enfim, questionar as representações simbólicas que predominam na sociedade contemporânea e que deturpam o ideal de felicidade como atividade da alma voltada ao bem comum. (SOUZA, 2003, p. 95)

A escola das infâncias é um espaço onde pode haver a contraposição e fazer com que a criança perceba que tem liberdade para construir seus próprios pensamentos e pode se libertar deste condicionamento. Neste sentido, a Educação infantil pode oferecer outras formas de trabalhar a subjetivação da criança, criando um ambiente generoso, através do ouvir e dialogar, em que as praticas educativas

possam contribuir para a formação de uma cultura que vá contra a *cultura do consumo* na sociedade contemporânea em busca de uma reflexão crítica, construindo assim um sentido melhor para tão sonhada felicidade.

Sabemos que não é tarefa fácil, pois é como popularmente dizem “trabalho de formiga”, aos poucos, pois ao estudarmos a infância pensamos num tempo futuro, pois a criança vive múltiplas temporalidades, tendo um futuro que nós como educadores, juntamente com a família, possamos ter uma ética do cuidado. E para que este resultado seja o melhor possível, é preciso se implicar no trabalho com às infâncias, entendendo o significado pedagógico e político da escola de educação Infantil, sendo que os baixos salários, apesar de ter um significado muito importante e ser um motivador para a organização e a luta dos docentes, não servir como uma justificativa para não lutarmos por uma maior qualidade, tanto dos equipamentos de Educação Infantil, tais como Creches e Pré-escolas, quanto por uma maior qualificação dos profissionais que atuam junto às crianças, nossas parceiras de produção de conhecimento e aprendizagens, que podem com certeza, nos ensinar a educar e a cuidá-las a partir de outras relações e outras possibilidades éticas, que não sejam atreladas a cultura do consumo.

Assim, ao concluir, mesmo que provisoriamente este trabalho monográfico, tendo clareza da necessidade empírica, epistêmica e política de aprofundar os meus estudos no campo dos estudos da Sociologia da Infância, entendo que os cursos de Pedagogia não podem negligenciar uma temática tão importante que é a “Cultura de Consumo”. Precisamos conhecê-la e investigá-la, para quem sabe, entendermos melhor quem é a criança com qual trabalhamos e as suas representações do mundo em que vive.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philipe, **História Social da Infância e da Família** – 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ABRAMOWICZ, Anete. **A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância**. In: FARIA, Ana Lucia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores associados, 2011. P. 17-36.

ALANA, Instituto. Disponível em: <<http://www.alana.org.br>> acessado em 22/07/2013

BRASILEIROS, Estatísticas de Domicílios (IBGE - PNAD). Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/pnad.asp>> acesso 22/07/2013

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio- Brasília: Lider Livro Editora, 2007.

BETTO, Frei. **Consumo, logo existo**. 2006. Disponível em: <http://www.triplov.com/frei_betto/consumo.html> acesso em 31/11/2013

CAMPOS, Cristina Caldas Guimarães de; TATAR, Aline. **Ética e alteridade na cultura do consumo**. In: SOUZA, Solange Jobim e (Org.). **Mosaico: Imagens do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. P 110-116.

CASTRO, Lucia Rabello. **‘Cidade-Mundo’ e ‘Cidade-Tela’: pensando ética e consumo na contemporaneidade**. In: SOUZA, Solange Jobim e (Org.). **Mosaico: Imagens do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. P. 102-109.

CASTRO, Lucia Rabello de (Org.). **Da invisibilidade a Ação: Crianças e Jovens na construção da cultura**. In: **Crianças e Jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2001. P. 19-46.

CONSUMISMO, Infância livre. Disponível em: <<http://infancialivredeconsumismo.com/>>. acessado em 22/07/2013

_____. **Educação@pós-modernidade: ficções científicas e ciências do cotidiano**./ organização, Solange Jobim. -Rio de Janeiro: 7letras, 2003.

FARIA, Ana Lucia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

FILHO, Altino José Martins. **Crianças e Adultos: Marcas de uma relação**. In: FILHO, Altino José Martins et. Al. Infância Plural Crianças do nosso tempo. Porto Alegre. Mediação, 2006. P. 13-37.

FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias [orgs.]. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**.- Campinas, SP: Autores associados, 2011.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização em Televisão**. In: FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. Editora UNESP, 2000. P. 47-50

GAGNEBIN, Jeanne Marie.**Infância e Pensamento** in: Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História. Rio de Janeiro: Imago, 2005. P. 83-100.

NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. **Reconhecimento da Sociologia da Infância como área de conhecimento e campo de pesquisa**. In: FARIA, Ana Lucia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). Sociologia da Infância no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. P. 37-54

PINTO, Manuel, **A Infância como Construção Social**. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manoel Jacinto. As Crianças contextos e identidades. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança,1997.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin/** Solange Jobim e Souza – 3ª edição—Capinas, SP: Papirus, 1996 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

TONUCCI, Francesco. **Quando as Crianças dizem: Agora Chega!**.Porto Alegre: Artmed, 2005. P. 16-23

ZUCHETTO, Gabriela.; ROMIO, Caroline M.; ANGNES, Nelcí R.; CASSEL, Paula.; LENA, Marisangela.; PEIXOTO, Maristela.; HUNDERTMARCK, Taís T. **Pensando as relações entre mídia, consumo e infância**, 2010. Disponível em < <http://www.unifra.br/eventos/sepe2010/2010/Trabalhos/humanas/Completo/5752.pdf> > acessado em 10/07/2013

ANEXOS

ANEXO A- Entrevista da mãe Aline

QUESTIONÁRIO

Prezada professora, por favor, gostaria de contar com a sua valiosa colaboração no sentido de responder o questionário em anexo. Agradeço antecipadamente a sua generosa colaboração.

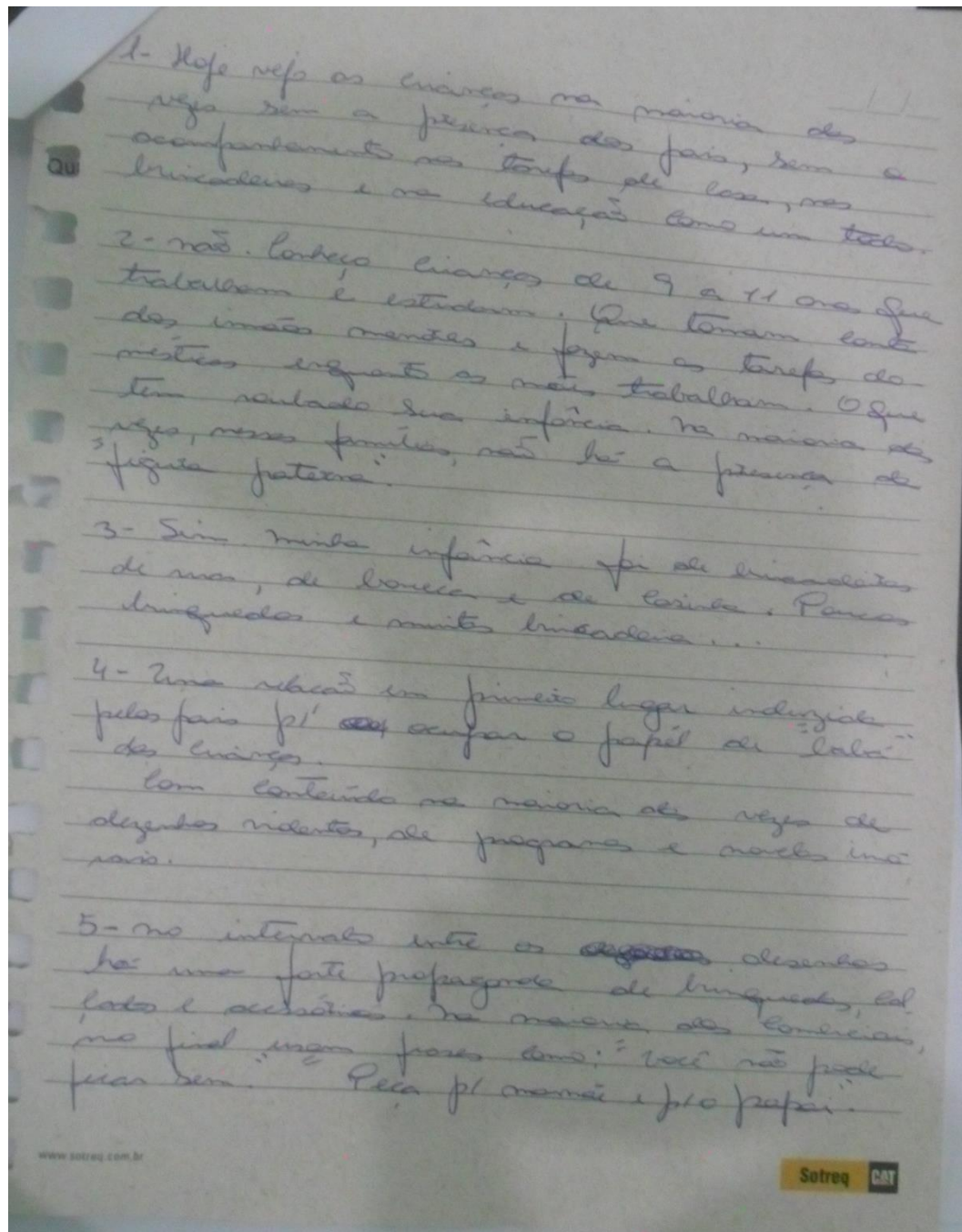
NOME: Aline Rodrigues de Silva Fernandes.

Idade: 32 anos

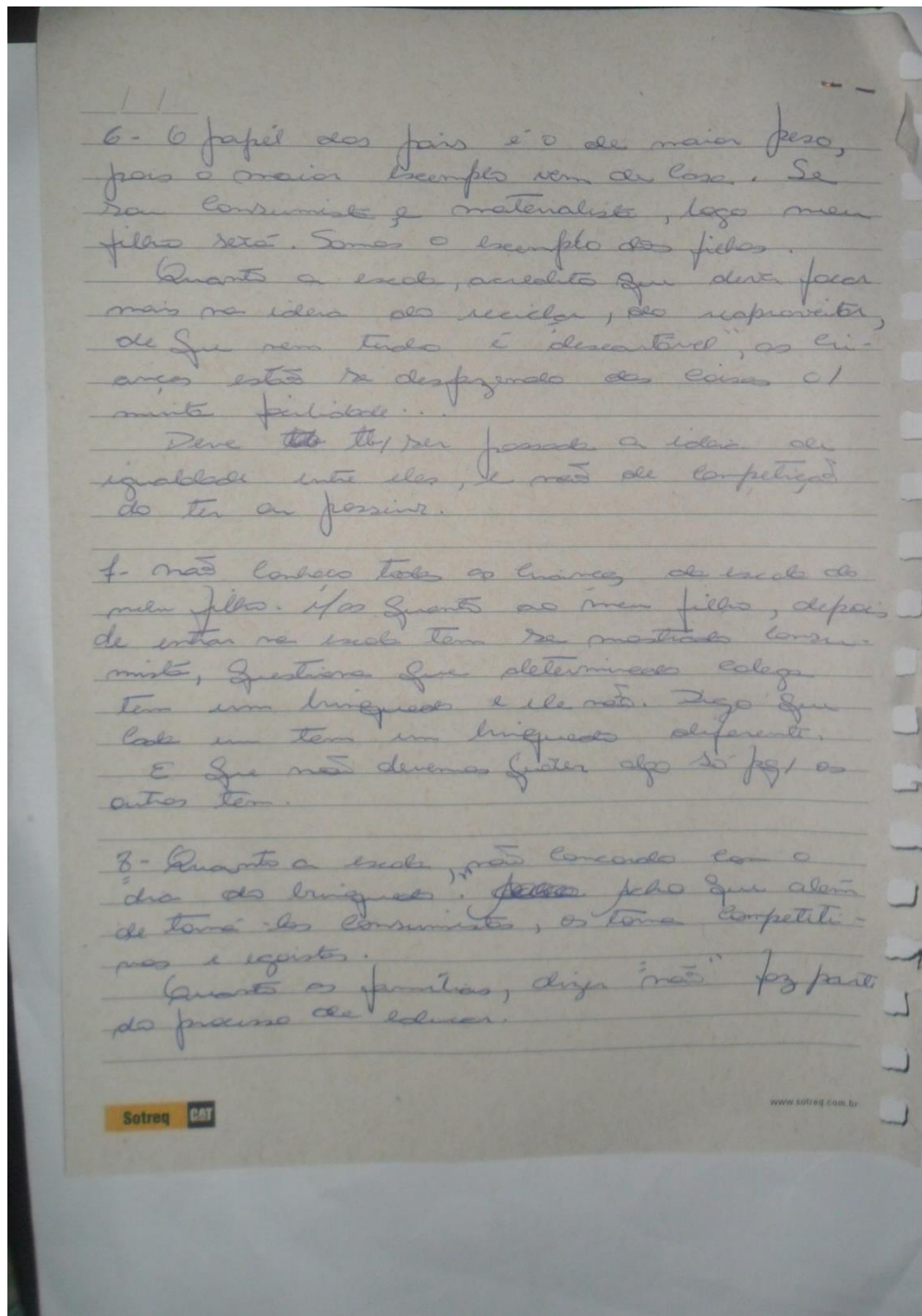
Quanto tempo de Magistério: _____

1. Como você vê a criança hoje ?
2. Para você todas as crianças tem infância? Por que?
3. Você percebe diferenças entre a sua infância e a infância de suas crianças? Como assim?
4. Como você vê a relação da criança com a televisão?
5. Você acha que a televisão acentua o consumismo das crianças?
6. Em sua opinião, qual o papel dos pais na cultura do consumo? E papel da escola?
7. Você acha que em nossa escola as crianças são muito consumistas? Por que ?
8. O que você acha que a escola e a famílias deveriam fazer para que as crianças não fossem tão consumistas?

ANEXO B- Entrevista da mãe Aline



ANEXO C- Entrevista da mãe Aline



ANEXO D- Entrevista com a Professora Simone

QUESTIONÁRIO

Prezada professora, por favor, gostaria de contar com a sua valiosa colaboração no sentido de responder o questionário em anexo. Agradeço antecipadamente a sua generosa colaboração.

NOME: Simone Régia Monteiro de Souza da Silva

Idade: 37 anos

Quanto tempo de Magistério: 20 anos

1. Como você vê a criança hoje ?
2. Para você todas as crianças tem infância? Por que?
3. Você percebe diferenças entre a sua infância e a infância de suas crianças? Como assim?
4. Como você vê a relação da criança com a televisão?
5. Você acha que a televisão acentua o consumismo das crianças?
6. Em sua opinião, qual o papel dos pais na cultura do consumo? E papel da escola?
7. Você acha que em nossa escola as crianças são muito consumistas? Por que ?
8. O que você acha que a escola e a famílias deveriam fazer para que as crianças não fossem tão consumistas?

ANEXO E- Entrevista com a Professora Simone

Respostas:

1. Vejo a criança nos dias atuais, como um ser humano capaz de observar, investigar, interagir e também de construir seus conhecimentos.
2. Todas deveriam ter, mas infelizmente por motivo de violência, trabalho infantil, enfim, várias questões negativas, as crianças não têm usufruído de uma etapa tão importante de suas vidas.
3. Com certeza, sim. Li começar nas brincadeiras, na minha infância eu brincava de elástico, bambolê, roda, roda, nos dias atuais, devido o avanço tecnológico, as crianças brincam com celular, tablet, etc.
4. É fato que a relação é bastante estreita, principalmente quando o responsável não dispõe de tempo para passar com a criança, por esse motivo, a televisão passa a ser o refúgio, a fuga ou até mesmo o amigo da mesma.
5. Sim, pois através de comerciais e propagandas de brinquedos, roupas, sandálias e sapatos de determinada marca, acaba contribuindo para

ANEXO F- Entrevista com a Professora Simone

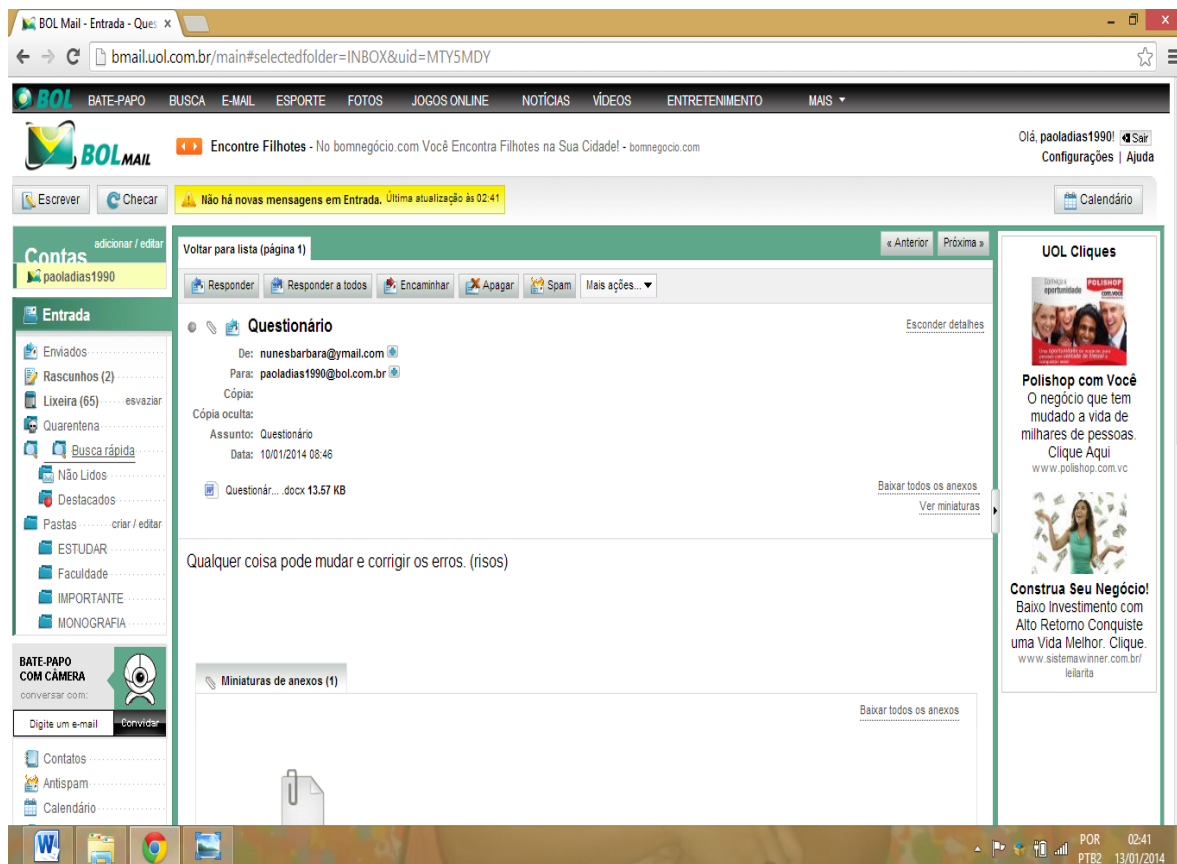
o consumismo das crianças.

6. Os pais devem ser exemplos positivos para os filhos, não estimulando o consumismo. É o papel da escola deve ser o de conscientizar através de projetos que é possível ser feliz e viver bem, sem necessariamente consumir.

7. Percebo que as crianças em nossas escolas são "muito consumistas", porque sofrem influência do meio em que vivem.

8. A escola e a família deveriam fazer um trabalho de conscientização, através de projetos, passeios, enfim, programas que valorizem o ser humano sem precisar estimular o consumismo.

ANEXO G- Entrevista com a professora Barbara Nunes (respondida via e-mail)



ANEXO H- Respostas (Via e-mail) da professora Barbara

Barbara Neves Nunes

24 anos

Questionário

Resposta 1:

Eu vejo as crianças de hoje em dia como “mini adulto”, onde muitas estão perdendo a inocência e passando a se comportar conforme seus responsáveis, mas sem a maturidade pra entender e assumir as consequências de seus atos. Observo que muitas crianças não vêm de um lar estável ou de um ambiente emocional estável onde elas possam ter oportunidades de realizar progressos em seu desenvolvimento. Claro que isso não ocorre com todas elas, mas poucas são as crianças que passam sua infância sendo criança; brincando, se divertindo, se desenvolvendo de acordo com a sua idade.

Resposta 2:

Nem todas as crianças tem a infância porque muitas perderam sua ingenuidade, a simplicidade e a inocência da vida. Entendo que a infância é a fase da vivência e percepção do mundo a partir do agir,

olhar, tocar, sentir, pular, correr, saborear, brincar, gritar, cantar... E muitas são privadas desses processos de desenvolvimento, não digo todos, porém alguns ou outros mais ou outros menos enfim tento ao lado um responsável para cuidar e orientar certamente será uma criança saudável. Mas sabemos que não é isso que realmente acontece atualmente, pois muitas delas tem responsabilidades de um adulto e isso acarreta grandes marcas e sérias seqüelas à vida adulta.

Resposta 3:

Percebo diferenças entre minha infância e a Infância atual. Citarei exemplos que vivi na minha infância e que vejo que hoje não é isso que acontece com as crianças. Na minha infância assisti menos televisão, comparado com as crianças atuais; brinquei com mais crianças além do horário da escola; gostava de ouvir histórias e cantigas contadas pelos meus avós, convivia diariamente com os meus familiares; tive em boa educação alimentar de acordo com a minha idade e para o meu desenvolvimento; sempre tive horário para dormir. Vejo que a infância atualmente o modo de vida mudou, onde os pais trabalham muitos para o sustento dos seus e não sobra tempo para os filhos; as crianças comem na hora e o que querem, elas ficam assistindo televisão a maior parte do tempo, só tendo vida social na escola, ou seja, atualmente as crianças não tem uma vida regrada. E os responsáveis com o pouco tempo que lhes sobram acham que compensam dar presentes para suprir sua ausência. Com isso imaginar futuros adultos com muitos problemas de saúde como depressão por exemplo.

Resposta 4:

Eu vejo que as crianças passam muito tempo assistindo televisão e muitas das vezes é a única companhia ou forma de não ficarem sozinhas; elas passam mais tempo na frente de uma televisão do que dentro de uma sala de aula. Sabemos que a televisão tem o poder de entreter, informar as crianças, porém exerce influências indesejáveis e muitas vezes inapropriadas em relação a sua idade quando as não são supervisionadas pelos responsáveis. Além disso, a televisão tem o poder de influenciar o consumismo e de não haver a diferenciação entre a fantasia e a realidade. Isso sem citar a má influência quanto os hábitos alimentares, cuja não são nada saudáveis.

Resposta 5:

As crianças são as principais vítimas do consumismo que a televisão nos impõe; que por sua vez não são apenas encontrados apenas em programas vistos, mas em grande parte da programação apresentada nos anúncios de comerciais. Isso com certeza estimulam o consumismo, induzem a má alimentação, difundem estilos de vida que associam a posse de bens materiais supérfluos como fatores de sucesso, alegria e bem estar. Por consequência a televisão expõe as crianças a tipos de comportamentos e atitudes que podem ser difíceis compreendidos, analisados e muitas das vezes filtradas por elas; cabe aos responsáveis esse papel.

Resposta 6:

Os pais tem o papel fundamental em relação a cultura do consumo que é colocado a dispor das crianças na televisão. Os pais devem escolher os programas adequados para o nível de desenvolvimento da criança, estabelecer horários para estudo e televisão, e sendo assim não permitir que façam as tarefas escolares com a televisão ligada, assistir programas com elas e discutir

o conteúdo que é visto; e o que não se vê com tanta frequência é na hora das refeições todos se sentarem à mesa para conversar, voltar ter esse hábito é de grande valia e não esquecer de manter a televisão desligada.

Na escola, a cultura do consumismo pode ser aproveitada para estimular discussões sobre o que está sendo visto, evidenciar comportamentos positivos, fazer conexões com histórias do cotidiano ou até mesmo de livros e lugares, enfatizar valores pessoais e familiares, discutir sobre o papel da publicidade e sua influencia no que se compra expondo sempre os pontos negativos e os positivos.

Resposta 7:

Nas escolas as crianças são consumistas, pois são influenciadas pela sociedade capitalista onde quem tem bens materiais mais modernos ou de ultimo lançamento são bem vistos e mais populares entre o meio onde vivem. Estamos vivendo no momento em que os hábitos, o estilo de vida e as relações sociais do homem estão se conciliando no que a pessoa tem e não em que ela verdadeiramente é como pessoa.

Resposta 8:

Os familiares e as escolas deveriam debater discutir sobre o consumismo e assim expor a real necessidade de obter ou não o determinado bem material. E assim sempre esclarecer que a televisão é uma atividade passiva e que quando a assistimos recebemos imagens e mensagens prontas e isso atrofia a criatividade e a imaginação. Instruir, aconselhar, supervisionar, orientar são maneiras positivas de criarmos crianças menos consumistas e mais conscientes para o mundo capitalista em que vivemos.